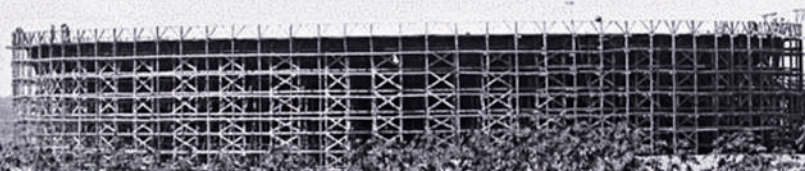
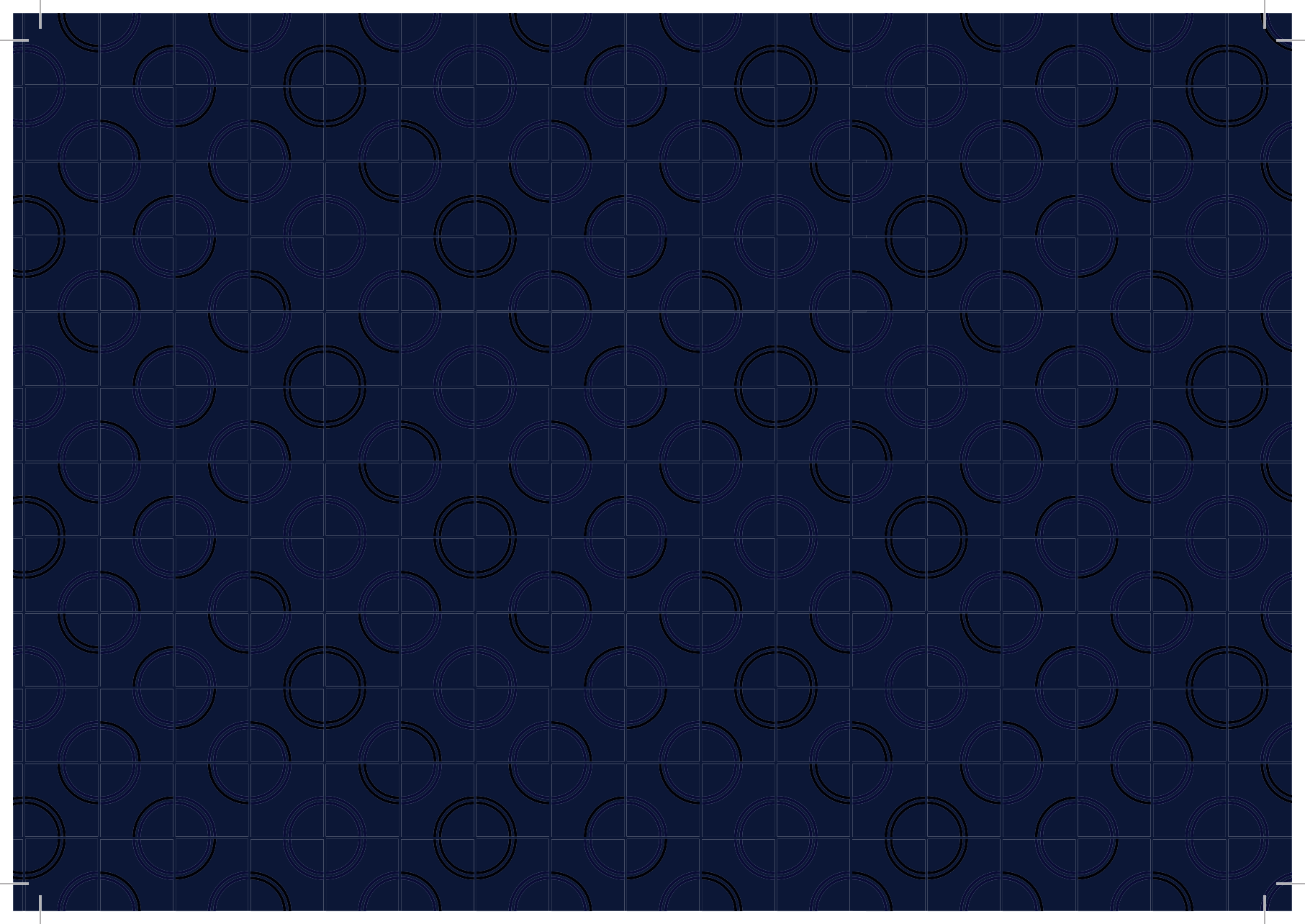
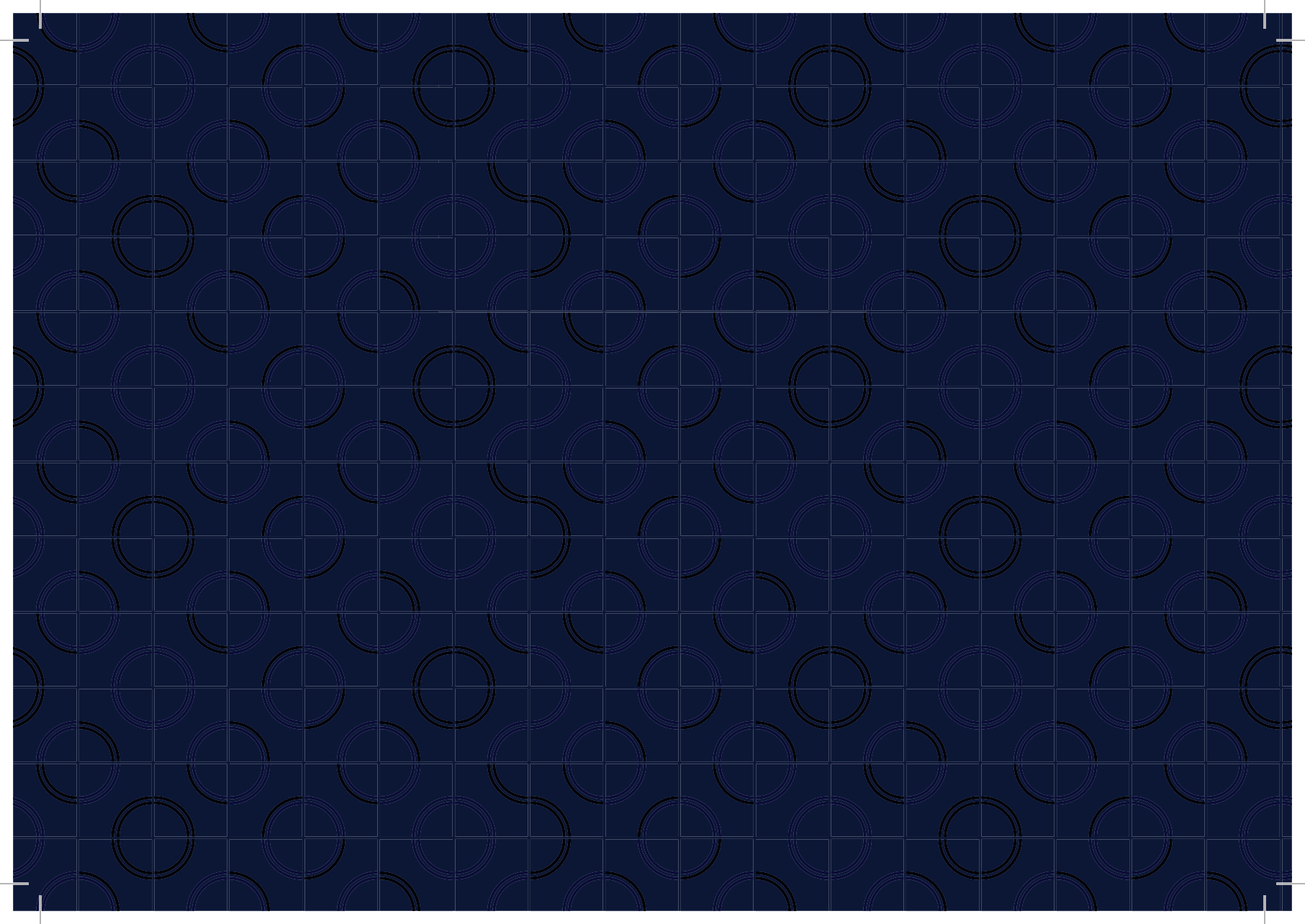


BRASÍLIA E SEUS PIONEIROS









FICHA TÉCNICA

BSB60 - Brasília e seus Pioneiros

1ª edição: abril de 2020

EDIÇÃO E REVISÃO

Taís Rocha

TEXTO

Gabriela de Almeida

CAPA, PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO

Juliano Batalha // Quatro X Soluções

FOTOS

Iano Andrade e Nina Quintana

FOTOS HISTÓRICAS

Arquivo Público do Distrito Federal

GRÁFICA

Coronário

Tiragem: 5 mil exemplares

PROJETO BSB60

IDEALIZAÇÃO

Empreendimentos Brasília

REALIZAÇÃO

Agência descompli.ca

VEÍCULO OFICIAL

Metrópoles

APOIO

BRB



Juscelino Kubitschek
Presidente da
República entre
1956 e 1961

**“Brasília é a mais enfática
afirmação da capacidade e da
obstinação do nosso povo.
Todos os que trabalharam
em sua construção, dos mais
humildes aos mais categorizados,
tinham e têm certeza de
estar colaborando com a obra
mais diretamente ligada à
grandeza nacional. O sonho
transformou-se em realidade.
Brasília existe, na vastidão do
Planalto, no coração do Brasil”**

Sessenta anos depois, eis que alguns daqueles trabalhadores que ratificaram o sonho transformado em realidade abrem as caixas de suas memórias, revivem as fotos emolduradas na parede e as folhas de seus diários e resgatam as lembranças mais ternas de seus corações para relembra a dureza e o clima de esperança dos tempos da construção de Brasília.

Este livro é parte de um amplo projeto, o BSB60, que conta com diversos vídeos - incluindo um longa metragem -, feitos em homenagem às seis décadas de vida da cidade. A publicação conta a história de 20 pioneiros que nos lembram quão árdua foi a tarefa de iniciar do zero, erguer ou recomeçar seus negócios, em um período em que tudo ainda era incipiente. Quando a poeira marrom fazia redemoinhos na seca de agosto. Quando a comunicação era demorada. Cartas, televisão, rádio, telefone... Tudo parecia distante para quem estava no Planalto Central. Quando poucas ruas que cortavam o Plano Piloto eram asfaltadas e as árvores típicas do Cerrado eram as únicas testemunhas dessa transformação descomunal.

Devidamente desbravada, essa terra pulsava em busca de afirmação. Juntava o que havia de melhor em termos de gente esperançosa, corajosa e desbravadora. Gente do país todo e de várias partes do mundo viam em Brasília um oásis de oportunidades de negócios. Afinal, seria preciso construir habitações, hospitais, escolas, universidades, postos de gasolina, centros comerciais, supermercados, restaurantes, avenidas, além é claro, da estrutura governamental, sintetizada na Esplanada dos Ministérios e na tríade Palácio do Planalto, Supremo Tribunal Federal e Congresso Nacional - que, juntos, constituem a Praça dos Três Poderes. Era preciso colocar em prática o plano riscado por Lucio Costa e arquitetado por Oscar Niemeyer.





Como disse JK, construir Brasília foi uma mudança de rumo definitiva: “um povo que corajosamente planta a sua nova capital a 200 léguas da Costa Atlântica, mudando o Brasil de posição e realizando um feito que é reputado, no exterior, como um dos mais arrojados e fecundos empreendimentos do mundo moderno, pelas dificuldades que estão sendo vencidas pela imensa repercussão que terá na vida econômica e social do país, um povo capaz de aprisionar o rio São

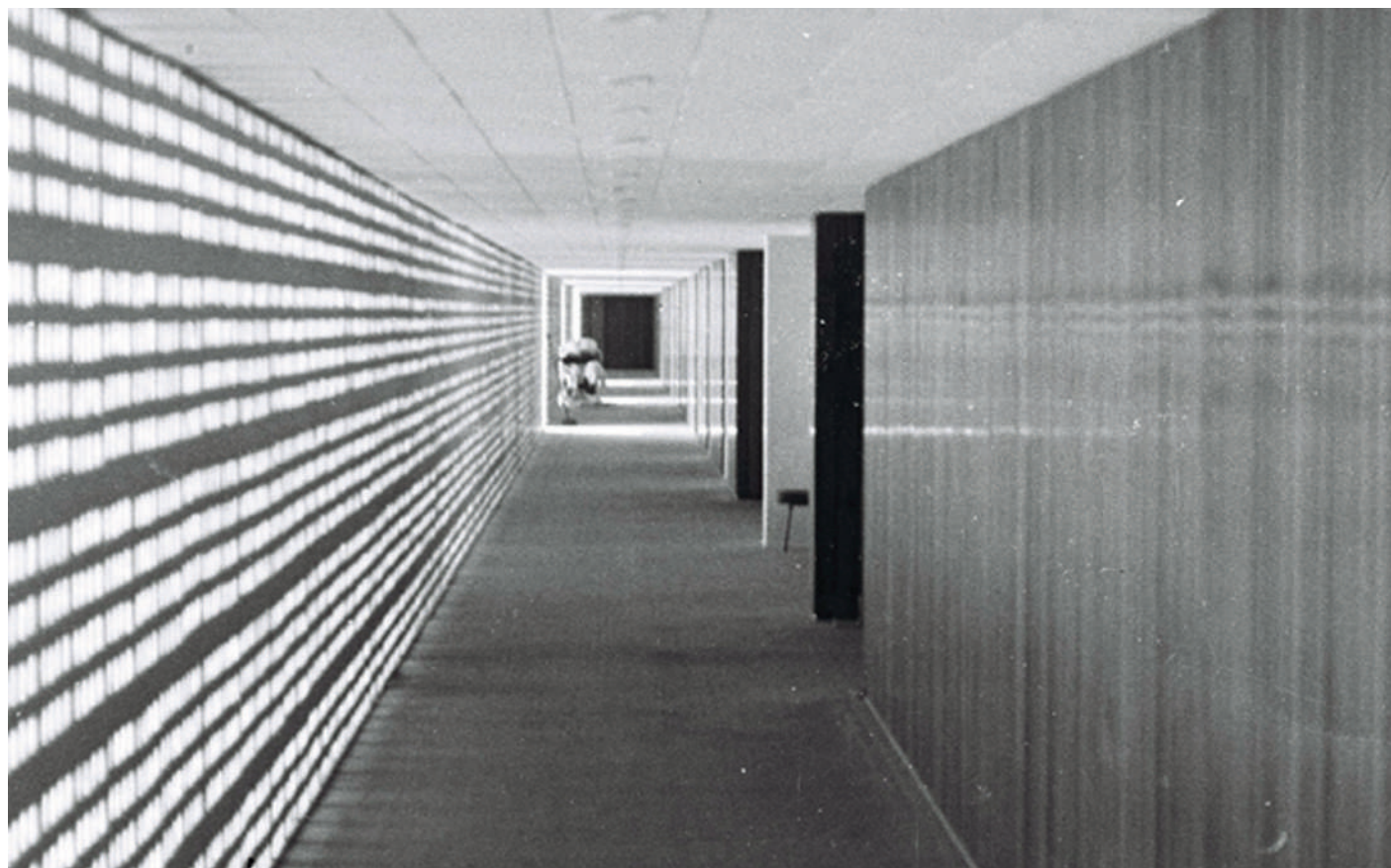
Francisco, arrancar-lhe a sua fabulosa potência, construindo uma barragem como a de Três Marias, esse povo não pode nem deve descreer do seu porvir”.

Os brasilienses de coração retratados neste livro fizeram das palavras do presidente a realidade. Acreditaram no futuro de Brasília. Trouxeram suas famílias, constituíram suas bases e construíram a história rica de uma capital moderna e vanguardista,

que hoje pulsa cultura, civilidade, tecnologia. Embarcaram no sonho de Juscelino Kubitschek e tornaram a visão de Dom Bosco fato concreto.

JK afirmava que Brasília não é uma improvisação e, sim, o resultado de um amadurecimento. Não é apenas uma mudança de capital, mas o anúncio de uma reforma. “A construção de Brasília é verdadeiro ato de fé de um governo, mas esse ato tem de ser sustentado e alicerçado pelo desejo do povo brasileiro e pela sua vontade de ser grande. É esta vontade que sinto manifestar-se, nos que se encontram ao meu lado trabalhando, nos anônimos com quem convivo, nos operários, nos jovens brasileiros que erguem no centro do País a cidade do futuro, capital do País do futuro”.

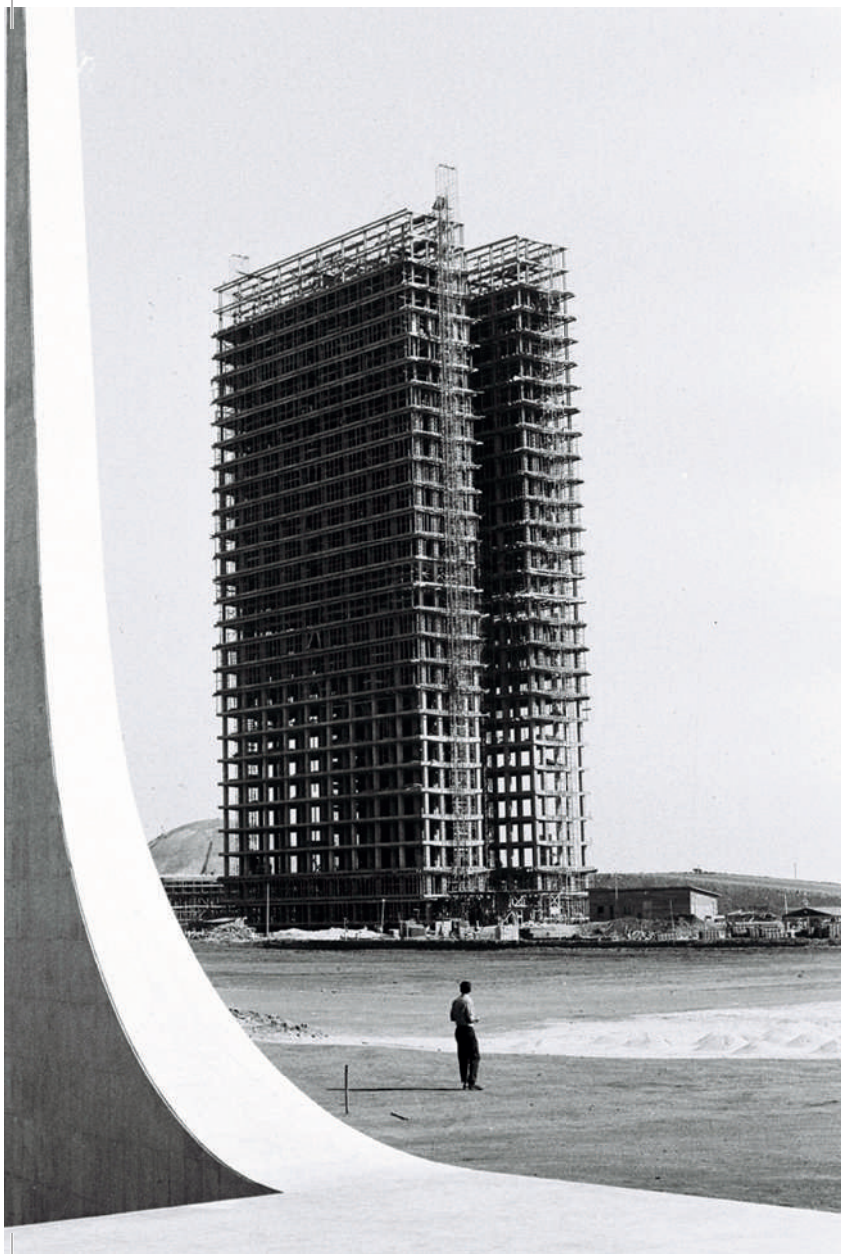
Que continuemos a ser grandes, brasilienses! Que continuemos a traçar o caminho do esforço e do trabalho, que aproveitemos as oportunidades e melhoremos o futuro. Que venham mais 60 anos de glórias e de exemplo para todo o país. ➤



Prefácio

O ano de 2020 é um marco para Brasília. A capital federal completa 60 anos de histórias e vasta contribuição para o desenvolvimento do país. A cidade é palco das decisões políticas e econômicas nacionais, sedia órgãos do serviço público dos três poderes, possui rica produção cultural, revela cada vez mais talentos no esporte, além de ser referência mundial em arquitetura e urbanismo.

Toda essa riqueza teve início com a determinação e a perseverança dos pioneiros de Brasília, testemunhas oculares da cidade planejada e moderna que estava para nascer, e peças fundamentais para a construção



da capital. Eles superaram desafios e, hoje, compõem a memória local e compartilham seu aprendizado e sua experiência com as gerações posteriores.

Brasília cresceu. A população plural orgulha-se de suas belezas, da sua produtividade, dos seus símbolos, das suas instituições. E, dentre essas importantes marcas, está o BRB – Banco de Brasília, que nasceu pouco tempo depois da capital federal, em 1966, com a missão de fomentar o desenvolvimento econômico e social do Distrito Federal.

O BRB cresceu com Brasília e foi testemunha das muitas transformações pelas quais passaram a cidade. Presenciou a construção de vários monumentos – famosos em todo o mundo – e atendeu, desde sua criação, à comunidade do DF.

Ao longo destes 53 anos, o BRB tem interagido com a população local de diversas formas, seja pela democrática oferta de crédito e de serviços bancários, pelo cuidado no atendimento aos seus clientes, pela ação de suporte aos programas

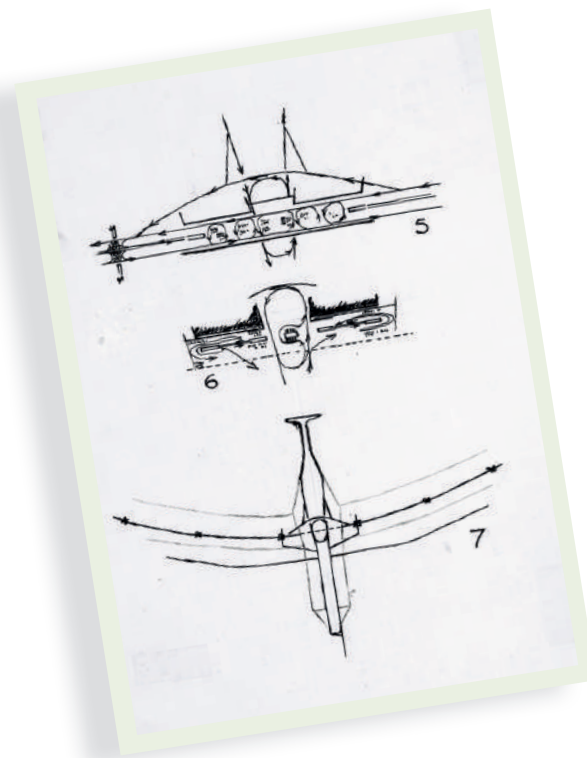
econômicos, sociais e culturais da cidade, e também pela geração de empregos. Todo esse suporte contribuiu, ao longo da história, para o desenvolvimento da qualidade de vida da capital federal.

Hoje, o BRB conquista cada vez mais espaço dentro do DF. O banco está mais moderno, mais digital. Seus produtos se renovam. Os canais de atendimento se atualizam. Tudo isso para oferecer ao cidadão brasileiro as melhores soluções, mantendo sempre a característica de instituição próxima dos clientes e prestando atendimento de excelência.

O banco está expandindo sua área de atuação. Além das agências distribuídas em todas as regiões do Distrito Federal e Entorno, tem presença em Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Piauí e Tocantins, e pretende estender seus serviços a outros estados. Com esse crescimento, compartilhará, nas diversas regiões, as facilidades e os benefícios que já oferece à população do DF.

O BRB orgulha-se de ser um fiel apoiador de Brasília e mantém o desejo de seguir contribuindo para a perenidade do Distrito Federal e para o desenvolvimento econômico de toda a sua área de atuação.

BRB – Banco de Brasília



Sumário

**Alberto
Fernandes**
(in memoriam)

17



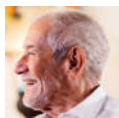
**Arnaldo Cunha
Campos**
(in memoriam)

29



**Elson
Cascão**

41



**Eustáquio
Rezende**

53



**Getúlio Américo
Moreira Lopes**

65



23

**Antônio José
Matias de Sousa**



35

**César
Barney**



47

**Enildo Veríssimo
Gomes**








59

**Geraldo
Vasconcelos**



71

**Gilberto
Salomão**

Janete Vaz **83** 
Paulo Octávio **95** 
Roosevelt Dias Beltrão **107** 
Sandra Costa **119** 
Sebastião Gomes da Silva **131** 



77 **Hely Walter Couto**



89 **Osório Adriano Filho**



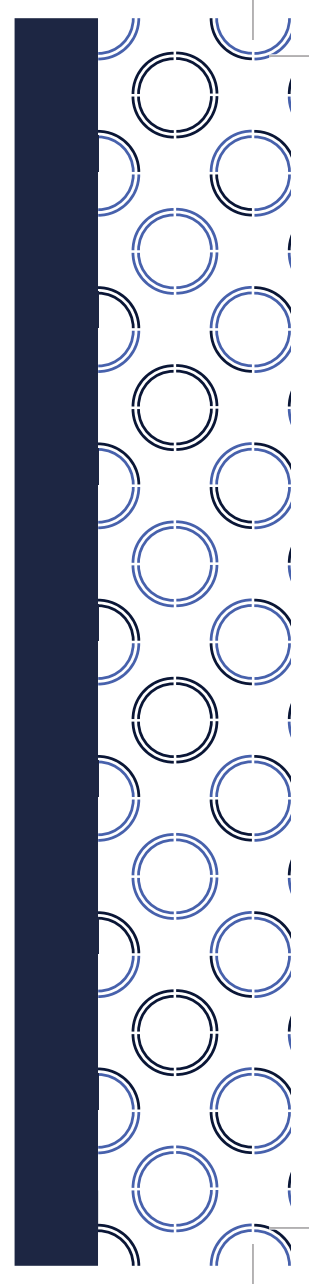
101 **Roberto Curi**



113 **Salviano Antônio Guimarães Borges**



125 **Simon Pitel**






**Sem
medo de
recomeçar**



Alberto Fernandes

(in memoriam)

Desde pequeno, Alberto Fernandes tinha uma vontade enorme de conquistar o mundo. Homem de muitos amigos, o empresário do ramo imobiliário saiu de São João dos Patos, interior do Maranhão, e conseguiu dar o rumo que sempre sonhou à sua história. Nascido em 15 de novembro 1931, Alberto Fernandes deixou sua terra ainda na adolescência para se aventurar em um garimpo de cristais em Xambioá, Goiás, ao lado de um tio. Nesse garimpo, Alberto contraiu malária e, recuperado da doença, achou melhor buscar novos ares. Comprou todas as peças de um revendedor de joias da cidade e seguiu para Marabá, no interior do Pará. De lá, fez





uma peregrinação durante sete meses por Belém (PA), Guarajá-Mirim (RO), Porto Velho (RO), Rio Branco (AC) e Nova Olinda do Norte (AM). Percorreu o norte do país vendendo suas peças e, em 1959, convidado pelo mesmo tio que havia deixado o garimpo para morar em Brasília, decidiu passar uns dias na nova capital antes de seguir viagem. Mas logo o jovem desbravador mudaria de ideia e escolheria a cidade como seu lar definitivo.

Em 1960, já na Cidade Livre, Alberto Fernandes abriu uma joalheria, mas logo seu primeiro negócio em solo brasileiro seria vencido pelo acaso. Como as estruturas das casas e comércios da região eram todas de madeira, a loja de Alberto pegou fogo e ele perdeu 70% das mercadorias. Sua sorte foi ter uma ótima relação com seus fornecedores por ter sido sempre um bom pagador. Com crédito na praça, se restabeleceu e abriu a Sônia, primeira ótica e joalheria de Brasília, na Rua da Igreja (108 Sul). Alguns anos depois, as instabilidades econômicas pesaram e Alberto precisou mudar de foco. Decidiu, portanto, voltar suas energias para a criação de uma fábrica de embalagens de papel, a Embalagens Brasileiras S.A, fundada no SIA. Em

1972, devido à crise da celulose, Alberto retirou-se do negócio e repentinamente descobriu que o terreno que abrigava a fábrica tinha sido valorizado. Com a venda do espaço, teve capital suficiente para investir em outros imóveis. Para dar conta da burocracia, tratou de abrir uma imobiliária e foi assim, como um golpe do destino, que o jovem empresário fez do limão uma limonada e inaugurou, em 1981, a Beiramar Imóveis.

Fundada ao lado da esposa e braço direito Marimir Colares Fernandes, a Beiramar Imóveis ganhou esse nome graças à sugestão de um amigo corretor de Alberto, que disse a ele que para Brasília ser perfeita só precisava ter um mar. Durante todos esses anos a empresa foi pavimentada no mercado ao disponibilizar empreendimentos em praticamente todo o Distrito Federal, beneficiando mais de 120 mil pessoas durante sua história. Uma marca familiar, a Beiramar tem como sócios os dois filhos de Alberto e Marimir, Pedro e Paulo Fernandes, figuras-chave na consolidação da empresa por todo o cuidado que ambos têm com o legado do pai e sua relevância para a capital. “Ele deixou uma marca desde muito pequeno em todos

nós. Uma marca de integridade, de caráter, de não abrir mão dos valores, não importa o objetivo que seja. Os exemplos dele fizeram com que seguíssemos essa trajetória e que nos forjasse a sermos quem somos” pontua Pedro Colares, o primogênito de Alberto.

O irmão Paulo lembra, ainda, que o pai sempre foi muito cuidadoso com a forma escolhida para passar o seu caráter aos filhos. “Seu sucesso, seu empreendedorismo... A forma com que ele fez isso foi deixando clara sua história vivida para ele chegar até aqui. E o quão difícil foi, o quanto seria difícil dali para a frente também, o quão importante ter resiliência para fazer com que aquele legado que estávamos recebendo fosse à frente”, observa.

O contato dos filhos com o mundo dos negócios foi cedo. Quando o mais velho tinha 12 anos e o mais novo 8, Alberto comunicou que havia os colocado na sociedade da empresa. Todo fim de semana a dupla era requisitada para panfletar ao lado da mãe ou mostrar imóveis aos possíveis compradores com o pai. Durante as férias escolares, deixavam as brincadeiras de lado e, à revelia, passavam parte do período na empresa. Quando eles

pediam para ir para casa brincar, ouviam do pai: “Um dia vocês vão me agradecer”. “E realmente hoje somos muito gratos por ele ter colocado isso no nosso coração. Temos prazer em dar continuidade a um negócio fundado por ele e conduzido por nossa mãe”, emociona-se o caçula. Dos conselhos passados pelo pai no decorrer da vida, um em especial toca mais profundamente o coração de Paulo Fernandes. “Não permitir que o desejo por expandir, por crescer, ultrapasse as relações humanas, as relações de confiança”, destaca o jovem empresário.

A boa relação de Alberto Fernandes com os pioneiros e outras pessoas com quem se relacionou no decorrer dos anos deu a ele a fama de uma pessoa de ótima convivência, alguém sempre disposto a ajudar o próximo. Filho de Pedro Fernandes de Sousa e Jardilina Barbosa de Sousa, o maranhense recebeu em 2014 a maior das honrarias, o título de Cidadão Honorário de Brasília. “Estou emocionado por receber esta homenagem porque sei que ela é uma espécie de reconhecimento da minha contribuição e dedicação à Brasília”, revelou em entrevista ao Jornal de Brasília, à época. Um homem de palavra, Alberto nos anos iniciais de Beiramar





fazia acordos sem precisar assinar contratos, porque sempre honrou o que disse. Participou ativamente de associações ligadas ao ramo imobiliário e tudo mais que envolvesse a sociedade em geral, sendo uma figurinha carimbada em reuniões nas administrações regionais discutindo melhorias para as regiões, sempre atento ao desenvolvimento sadio do Distrito Federal.

Envaidecido por ser mais um pioneiro que conseguiu vencer na capital, Alberto tem por Juscelino Kubistchek um enorme fascínio, considerando o político o principal presidente que o Brasil já teve, um grande estadista. Pedro Fernandes se recorda com clareza dos conselhos que recebeu a partir da saga de Juscelino. “Meu filho, Juscelino fez 50 anos em 5, construiu uma cidade, a capital do Brasil, em 5 anos. É nisso que a gente tem que se inspirar, é nessa vontade, é nessa história, nesse sonho de Juscelino” lembra, ao falar ainda que o pai sempre se inspirou na forma com a qual Juscelino tinha facilidade em se relacionar com as pessoas. Do pioneirismo, Paulo enche a boca para falar do orgulho que sente do pai. **“Ser filho de um pioneiro é um grande orgulho, mas principalmente de um pioneiro que**

é uma pessoa tão carismática, tão querida e tão reconhecida como uma pessoa que foi importante no desenvolvimento da cidade de forma humana. Mais do que um pioneiro que contribuiu para, sim, colocar mais de 120 mil pessoas nos seus novos imóveis, morando, criando desenvolvimento, olhando para instituições, mas como um pioneiro que sempre teve um olhar humano e individual, para as pessoas na cidade que ele quis ajudar”, enumera.

Para a família Fernandes, o segredo do sucesso está na cumplicidade de que tudo foi construído conjuntamente.



É pensar que onde um está, toda a família está. Na visão de Pedro, o desafio de empreender percorre a burocracia e a insegurança jurídica, mas atualmente aparece com mais força diante da velocidade com o que mundo avança, com novas formas de consumo e interação surgindo a cada minuto. “Acreditamos que qualquer empreendimento torna-se um empreendimento de sucesso quando o cliente passa a estar no centro do negócio e quando o cliente vê aquela organização como uma organização vital para o mundo de hoje. É possível construir uma organização com quase 40 anos de história, que emprega centenas de pessoas e que já ajudou mais de 120 mil pessoas a achar um lugar para morar”, comemora o empresário que, seguindo os passos dos pais, sabe como ninguém a importância das relações humanas, para além dos objetivos monetários. ➤



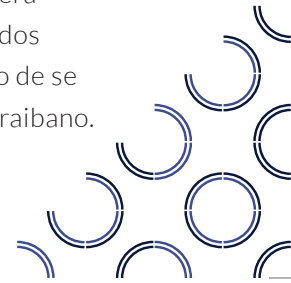
A photograph of an elderly man with glasses, wearing a dark blue suit jacket over a white shirt. He is sitting at a dark desk, looking slightly to the right with a gentle smile. On the desk in front of him is a red Heineken beer bottle and a small Brazilian flag. The background shows a bookshelf filled with books and a wall with various framed photos and documents. The text "De frentista a empresário de sucesso" is overlaid in white on the right side of the image.

**De frentista a
empresário de
sucesso**



Antônio José Matias de Sousa

Antônio José Matias de Sousa tinha 19 anos quando embarcou em um dos muitos paus-de-arara que se deslocavam em massa rumo ao Centro-Oeste para um destino que prometia transformar a vida de centenas de brasileiros: Brasília. A nova capital era o assunto mais comentado nos jornais que Antônio lia nos armazéns da pequena Coremas, cidade onde nasceu em 5 de setembro de 1939, no interior da Paraíba. Seu plano inicial era ir para São Paulo, não Brasília, mas o entusiasmo dos outros nordestinos que largavam tudo pelo sonho de se estabelecer na nova capital empolgou o jovem paraibano.





À revelia dos pais, driblou os receios de que deixaria o trabalho na fazenda da família para “lavar latrina” e partiu.

Dezesseis dias depois, com o bolso vazio, os dois joelhos ralados pelos bancos de madeira e muita vontade de vencer, Antônio Matias desembarcaria no canteiro de obras de Brasília, em 20 de março de 1959, ano em que as construções estavam aceleradas para cumprir o prazo de entrega marcado para o dia 21 de abril de 1960. O primeiro emprego que conseguiu foi no acampamento da Pederneira, na Vila Planalto, como apontador, a pessoa responsável pelo controle de quem entrava e saía do canteiro de obras. O salário era bom e Antônio Matias tinha direito a alojamento e alimentação. Mas ao conhecer um posto de gasolina no Núcleo Bandeirante achou aquele vai e vem de veículos e pessoas muito mais interessante. Por um salário menor e sem nenhum direito extra, trocou de emprego e passou a ser frentista. Sua carreira em Brasília é vista por muitos como uma trajetória de sucesso conquistada por poucos. De bombeiro de posto de gasolina a um dos principais empresários da capital, foi uma longa e dura jornada, marcada por contatos com pessoas

das mais variadas camadas sociais, muito trabalho e uma vontade incansável de conquistar o mundo.

Um “virador”, como costuma se intitular, Antônio Matias era o típico “pau pra toda obra”. Nas horas vagas dirigia taxi e, no dia a dia, lavava carros, auxiliava na instalação das bombas de combustível e estava sempre à disposição para fazer de tudo, mesmo que a função fosse totalmente desconhecida para ele. O empresário diverte-se ao relembrar de momentos em que meteu os pés pelas mãos ao tentar lubrificar automóveis sem ter o menor conhecimento de como isso poderia ser feito, e também de quando foi lavar um veículo com Solupan, um desengraxante sódico que acabou tirando a cor do automóvel para surpresa do bem humorado cliente. “Isso era uma bronca que se fosse hoje era do tamanho do mundo, mas naquela época todo mundo levava na graça”, compara.

Sem ter onde dormir durante um período difícil, chegou a ter como quarto uma caixa d’água instalada nos fundos do posto de gasolina onde trabalhava, na 306 Sul. Sua postura sempre amigável fez com que um cliente o convidasse a

morar em um apartamento vazio na mesma quadra do posto. Aproveitou a deixa e convidou outros colegas de função para compartilharem o teto com ele. Como um bom amigo, dividiu outros bons momentos com os amigos de serviço também, como quando passou a receber refeições da Aeronáutica - outro agrado oferecido por um cliente - e a comida era tanta que ele dividia com os demais frentistas. Antes disso, quando a barra estava mais dura, Antônio tomava um café reforçado para evitar gastos extras. Pela manhã comprava uma baguete de cinquenta centímetros, com tamanho suficiente para ele só sentir fome de novo lá pelas 15h, 16h, quando ele comia um bom prato de comida. Essas foram as duas únicas refeições de Antônio durante o dia por um bom período, economia que ele fez para juntar um dinheirinho e conseguir uma reserva para si e para a família que deixara em Coremas.

Quem lhe ajudou muito, inclusive dando abrigo em um quarto de sua casa por um período foi Elson Cascão, um dos empresários mais renomados do Distrito Federal. Apadrinhado por Elson, o paraibano alçou voos longos no ramo dos postos de gasolina. Sob a tutela do empresário, tornou-se sócio da empresa de revenda

de lubrificantes que Elson abriu com outros colegas, e ano após ano, conquistou seu espaço nas porcentagens da empresa, tornando-se diretor operacional da Rede Gasol, um dos grupos mais bem-sucedidos da capital. “É muito difícil agradecer o seu Elson porque nem o meu pai, se ele tivesse condições, faria o que ele fez por mim. Ele me ajudou muito, eu tenho que agradecer muito a ele”, ressalta Antônio. Sua gratidão é tamanha, que durante um papo de aproximadamente três horas citou o nome do sócio, compadre e amigo 44 vezes.

Durante anos, Antônio Matias ocupou o cargo de gerente nos postos de gasolina da rede e garante que nunca foi convidado para a função. “Eu era um leão. Não tinha esse negócio de vai fazer, mas não teve jeito. Eu pegava para fazer e fazia mesmo. Fui me destacando e assumindo”, confidencia o empresário, que tem na sua confiança uma de suas principais qualidades. “Não tinha problema comigo, então eu acho que essa força de trabalho me deu credibilidade. O segredo do nosso negócio é que nós trabalhamos sempre com uma tremenda honestidade em relação ao outro”, observa o paraibano.





O caráter visionário andava lado a lado com a certeza de que Brasília ainda se expandiria muito. Por isso, a cada nova cidade ou bairro que viria a surgir na capital, lá estava o grupo de Antônio instalando um posto na região. “Nós crescemos assim, desse jeito. Sabemos que vai ter a cidade e que vai morar gente lá. Então, nós fazemos o posto”, relembra, envaidecido por ter apostado desde o início no sucesso de Brasília. **“O que eu sinto por Brasília é um amor como se fosse por um filho, porque eu vi tudo nascer. Eu vi a Rodoviária ser construída, eu vi a Praça dos Três Poderes. Não tem uma obra aqui em Brasília que eu não tenha participado dela com fornecimento de óleo diesel ou com alguma coisa”**, orgulha-se Antônio, que carrega consigo um coração 100% brasileiro.

Admirador de Juscelino Kubitschek, o paraibano antes mesmo de se mudar para Brasília já tinha decorado o plano do governante de transformar 50 anos em cinco com a aparentemente súbita criação de uma cidade a partir do zero. “Não tem uma história que supere essa de Juscelino, nenhuma no mundo. Não tem e não vai ter nunca outro cidadão com a inteligência dele, com a dinâmica dele, a rapidez. O homem era

um avião, para ele não tinha problema, era resolver”, lembra o empresário que tem um carinho especial também pelos outros pioneiros com quem dividiu o privilégio de ver Brasília ser construída. “Eu admiro muito os pioneiros, porque muitos fizeram igual a mim, passaram essas turbulências que nós tivemos aqui - Collor, Sarney, João Goulart, Jânio Quadros e mais outras quedas -, mas não desistiram”, destaca.

Casado com a Relações Públicas Iza Matias, Antônio tem quatro filhos, mas seu legado não estacionou em seu clã. O empresário está à frente do projeto Bibliotecas do Saber, criado em 2007, que já levou 186 redutos literários à população. Com instalações em regiões menos abastecidas financeiramente, a construção dessas bibliotecas foi a forma encontrada por Antônio para devolver à Brasília tudo que conquistou. Essa vertente também foi herdada de seu mentor Elson Cascão, que o ensinou desde sempre a dedicar tempo e recurso em projetos sociais. “Meu pai era pobre, minha mãe era pobre, mas eles tinham uma grande vantagem, eles eram honestos e criaram os filhos bem criados. Tanto que se você olhar a minha família verá que todos

BSB60 - Brasília e seus Pioneiros

são diferentes. Vieram para cá, estudaram, passaram nos concursos, cada um tem sua vida”, conta Antônio, que na primeira oportunidade trouxe seis irmãos para Brasília para que também pudessem prosperar.

Certa vez, Antônio Matias jurou sob o pé de uma árvore que um dia teria dinheiro para comer biscoito até cansar. Hoje, não só come biscoito à vontade, como celebra a conquista de poder dividir biscoito e outras benesses da vida com aqueles que ama e com a cidade que orgulhosamente viu crescer. ➤



A photograph of an elderly man with glasses, wearing a blue suit, a light blue shirt, and a patterned tie. He is standing on a balcony or terrace, looking towards the left. In the background, there are several modern buildings, including a tall one with a grid of windows and a curved glass-fronted building. The sky is clear and bright. The image is framed by decorative patterns of overlapping circles in the top right and bottom left corners.

Da Medicina para a construção da capital

Arnaldo Cunha Campos

(in memoriam)

Brasília tem um caráter tão transformador que é capaz de extrair de uma pessoa até mesmo habilidades ainda desconhecidas. Foi o que aconteceu com o mineiro Arnaldo Cunha Campos, médico de formação, que em determinado momento da vida percebeu que Brasília precisava muito mais do Arnaldo construtor do que do Arnaldo médico. Empresário de sucesso, responsável por um dos maiores complexos do país, o Brasil 21, Arnaldo Cunha Campos nasceu em 27 de abril de 1936 em Uberaba, berço de muitos outros pioneiros que também escolheram Brasília para fincar morada.



Formado pela Faculdade Nacional de Medicina, especializou-se como otorrinolaringologista em São Paulo e visitou Brasília pela primeira vez poucos meses antes da inauguração, em janeiro de 1960. Mas foi só 1961 que Arnaldo se mudaria para a nova capital de vez. Figura central na família, seu irmão Fabiano - o primeiro a se aventurar em terras brasilienses - morreu em um acidente de carro, tragédia que levou o clã de Arnaldo do luto a um sentimento de que eles nunca mais deveriam se desunir. Juntos, todos se reuniram em Brasília e decidiram seguir suas vidas aqui.

Casado com Maria Josina desde abril de 1965, é pai de Ana Luisa, Liliana, Ana Maria e Fabiano, e avô de 11 netos. Com o apoio da família fundou a clínica São Braz no Edifício Mineiro, no Setor Comercial Sul, enquanto ainda atuava como médico da Fundação Hospitalar de Brasília. A área estava em constante crescimento no país. “Quem se formava no Rio de Janeiro ficava por lá. Então, as oportunidades em Brasília eram muitas e grandes”, relembra o empresário.


Com o sucesso da clínica, Arnaldo decidiu impulsionar os negócios em espaços maiores. Decidiu, então, construí-los. Sua carreira no setor imobiliário começou com empreendimentos ligados à saúde, como o emblemático Edifício de Clínicas. Daí em diante, vieram obras em diferentes pontos do DF e em Goiânia, fazendo-o trocar de vez a Medicina pela Construção Civil. “Vi que Brasília, em um determinado momento, precisava muito mais de construção do que mim como médico. Então, apareceram algumas obras que não tinham nada a ver com Medicina. Eu peguei e tive sucesso”, recorda Arnaldo.

O empresário mineiro destacou-se no empreendedorismo desde cedo, quando enxergou na capital um potencial que antes só era empregado às grandes metrópoles. Se a cidade abriga o poder político do país, reúne o maior número de servidores públicos federais e ainda foi capaz de agrupar trabalhadores de todos os estados brasileiros para erguer os pilares de todos esses edifícios, por que não pensar em algo macro? Foi dessa forma que surgiu o maior empreendimento de sua vida, o Brasil 21, um complexo de 200 mil metros quadrados fincado no coração de Brasília. Com

hotéis de curta e de longa duração, o negócio multiuso abriga centro de convenções, escritórios, lojas, espaço cultural e os mais variados serviços em um dos pontos mais concorridos da cidade, o Setor Hoteleiro Sul.

Atento às inconstâncias da economia no Brasil, Arnaldo soube desenvolver suas empresas em outros locais para não deixar a peteca cair. Assim, começou a fazer negócios em Portugal na década de 1980 e depois passou a investir nos Estados Unidos, o que deu margem ao visionário pioneiro para manter sua atuação no ramo empresarial tanto no Brasil quanto fora. A estratégia deu certo e Arnaldo tornou-se respeitado nacionalmente por sua capacidade enquanto negociador para além de terras candangas.





O caráter empresário de Arnaldo Cunha Campos sempre caminhou lado a lado com seu pioneirismo, do qual tanto se orgulha a ponto de dizer que se considera brasiliense, um candango de fato. “Saí de Uberaba e adotei Brasília como minha terra”, emociona-se ao se recordar que nos anos iniciais de consolidação da nova capital, não havia muito tempo para se discutir tudo que estava sendo feito. **“Tem muitos que contam histórias, tem outros que fazem a história. Nosso negócio era fazer a história”**, conta, ao se lembrar dos pioneiros que o acompanharam nessa jornada. Por sua participação ativa na construção de Brasília, Arnaldo foi honrado com um diploma de sócio-fundador do Clube dos Pioneiros, instituição responsável por manter viva a memória daqueles que vieram erguer a cidade.

Um visionário sabe enxergar quando uma mudança é positivamente transformadora. Por isso, Arnaldo sabe o que representou - e representa - para o Brasil a construção de

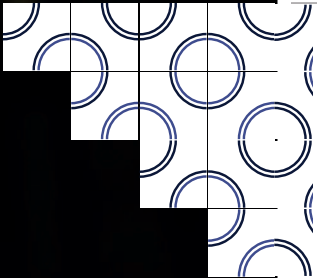


Brasília e conseqüentemente a interiorização do país. Para o empresário, a cidade não foi só importante para o Distrito Federal. A vinda do poder político para o centro contribuiu para o desenvolvimento de estados como Goiás e Tocantins. E é para Juscelino Kubitschek a quem Arnaldo direciona os louros dessa conquista. Admirador do político, o mineiro-candango acompanhou de perto os altos e baixos do ex-presidente, que costumava visitá-lo com frequência em seu escritório. “Ele teve um apogeu, quando era um grande líder nacional, depois sofreu muita perseguição. Você conhece realmente a pessoa quando essas fases se manifestam. Ele era muito amável, muito afável, sem aquele sentimento de rancor normal de quem sofreu perseguições”, recorda-se.

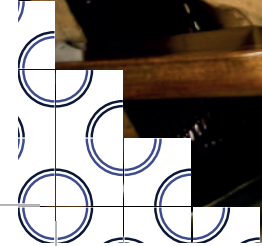
Suas lembranças com Juscelino remetem ainda ao período em que o ex-presidente recebia amigos na fazenda Santa Júlia para almoços e serestas. “Ele gostava de cavaquinho, o pessoal ia fazer cantoria para ele. Ele era pé de valsa mesmo, não deixava a peteca cair. Toda conversa com ele terminava em otimismo”, admira-se Arnaldo, que observa um fator em comum para o êxito de Brasília: tanto Oscar Niemeyer quanto Juscelino,

Lúcio Costa e Israel Pinheiro eram amantes ferrenhos da capital. Nomes ilustres da construção da capital, o quarteto não se diferencia daqueles que, assim como Arnaldo Cunha Campos, empreenderam e construíram suas vidas na cidade dos sonhos. Movidos por um amor único, forjado no desejo de fazer prosperar uma capital que, mal sabiam, se tornaria referência de arquitetura e desenvolvimento para o Brasil e para o mundo.↗





Ode à arquitetura



César Barney

O colombiano César Barney tinha 24 anos quando desembarcou no Brasil, fascinado pela ideia de que estavam construindo uma cidade no “meio da selva”. Era Brasília, que ainda engatinhava em 1958, ano em que o jovem estudante de Arquitetura deixava os Estados Unidos para se aventurar em terras brasileiras. Nascido em 1934 em Cáli, Barney conheceu Brasília quando ela nem era uma cidade de fato. A convite da Novacap, se juntou a um grupo de futuros arquitetos para passar um dia na nova capital. Entre tratores, buracos e um mar de poeira, o estudante se apaixonou por aquele esboço de futuro. Deixou o grupo e ficou



só com a roupa do corpo na Cidade Livre. O estudante só voltou para o Rio de Janeiro cinco dias depois para reorganizar a vida, casar, e voltar de vez para Brasília.

Enquanto terminava a graduação, no Rio de Janeiro, o colombiano teve o privilégio de estagiar com o paisagista Burle Marx. Ao desembarcar na nova capital, sem emprego e nenhuma perspectiva, foi direto à barraca erguida para abrigar o Departamento de Urbanismo e Arquitetura, escritório do arquiteto Oscar Niemeyer, em busca de um trabalho. No espaço que hoje é ocupado pelo Ministério da Justiça, na Esplanada dos Ministérios, Barney foi recebido por Nauro Esteves, braço direito de Niemeyer, que lhe propôs que o jovem trabalhasse de graça por dois meses para ser avaliado. A experiência foi exitosa e Barney foi inserido no time de arquitetos do escritório que ganhou fama internacional por traçar e erguer uma cidade em cinco anos, seguindo o plano de metas de Juscelino Kubitschek.

Entre mais de 400 projetos, Barney conta que já fez de tudo, menos aeroporto e hospital. Em Brasília, no início, as demandas eram todas “para ontem”, correndo contra o relógio durante os oito anos em que fez parte da equipe de

Niemeyer. Nesse período, as pranchetas vez ou outra eram escovadas para retirar a poeira que cobria os desenhos do arquiteto, que se orgulha de ter projetado postos de saúde e as primeiras 14 escolas construídas no Distrito Federal. É dele ainda a Torre de TV, obra que deu um trabalho fora do comum para o colombiano que precisou fazer papel de engenheiro e verificar de perto se todos os parafusos estavam no lugar. Jovem e destemido, Barney subia até o alto em escadas marinho para checar cada detalhe da emblemática obra. Foi o arquiteto quem traçou a primeira casa do Lago Sul, a Embaixada da Colômbia e o projeto urbanístico de Valparaíso, bem como o chamado conjunto São Miguel, que deu às superquadras 107, 108, 307 e 308 da Asa Norte um novo padrão de urbanismo. Atento às necessidades específicas do brasiliense acostumado a viver em clima seco, cravou como sua principal marca a presença certa de um espelho d’água nos prédios desenvolvidos por ele. Esculturas, vitrais e painéis também fazem parte da assinatura do sofisticado arquiteto.

Do início da consolidação de Brasília, Barney guarda boas lembranças dos encontros corriqueiros com os colegas pioneiros. Certo dia, quando seu carro enguiçou, buscou um mecânico às pressas no Núcleo Bandeirante e quem o



BSB60 - Brasília e seus Pioneiros



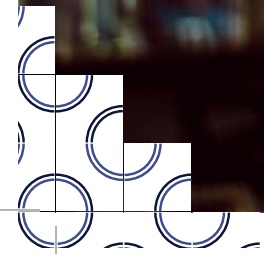


ajudou foi Jorge Cauhy, comerciante que se tornaria deputado distrital para quem Barney anos depois retribuiu a gentileza projetando de graça o Lar dos Velinhos Maria Madalena. Nomeado cônsul honorário antes da inauguração oficial da Embaixada da Colômbia, Barney esteve à frente da função por 36 anos, onde fez assessoria para a construção das embaixadas da Alemanha e da Bélgica e reformou as embaixadas do Peru e do Egito. Esse bom trânsito deu a ele uma amigável relação com os representantes de outros países e contatos com clientes que seguem firmes na cartela do criativo arquiteto, que planeja completar 100 anos na ativa. **“Parar de trabalhar? Não, de jeito nenhum. Eu deito e fico fazendo estatística, pensando em projetos, em quantos países eu conheci, quantas cidades eu conheci. É bom, então mantenho a cabeça funcionando”**, diverte-se Barney ao explicar seus macetes para manter a mente viva e enérgica.

Casado com Elvira Barney, o colombiano encontrou na esposa uma companheira de vida e pioneirismo. Natural de Uberaba, a mineira tornou-se uma importante personagem brasiliense ao reunir no livro “Mulheres Pioneiras de Brasília” relatos de 90 mulheres que chegaram na capital entre os anos de 1955 e 1962. Nas 276 páginas do livro, Elvira mostra os desafios enfrentados por essas mulheres que se instalaram em Brasília à procura de um ideal de vida e muitas vezes ficaram invisibilizadas na história da cidade. Lado a lado, Elvira e Barney trilharam um caminho de pioneirismo traçado por muito amor, companheirismo e cumplicidade, unidos por um sonho que um dia fora de Kubitschek, mas que para este casal tornou-se a realização de uma bela história de vida. ↗



**Combustível
essencial para
a nova capital**



Elson Cascão

No auge da juventude, Elson Cascão caminhava pela Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, quando se deparou com uma maquete de Brasília na sobreloja do Edifício Central. Foi a primeira vez que o jovem nascido em Araguari, Minas Gerais, em 14 de março de 1932, teve noção de como seria a tão falada nova capital prometida por Juscelino Kubitschek. Ver como seria o Senado Federal, a Câmara dos Deputados e a Esplanada dos Ministérios fez brilhar os olhos do mineiro de espírito aventureiro, que deixou Goiânia - cidade para onde a sua família se mudou quando



ele tinha seis anos - para servir na Força Aérea Brasileira em Porto Alegre e no Rio de Janeiro.

Em maio de 1958, Cascão desembarcou em Brasília obstinado a começar um negócio em terras tão promissoras. Com a ajuda do pai, comprou um posto de combustível na 2ª Avenida, no Núcleo Bandeirante, um negócio feito inicialmente ao lado da irmã Maria Emília e que nos anos seguintes ganhou novos sócios, formando o alicerce da Cascol, uma das empresas mais bem-sucedidas da capital. “Foi um negócio que prosperou, assim como Brasília. As coisas aconteceram e viemos fazendo essa trilha nas sendas da vida. Estamos há 60 anos em Brasília. Fomos pioneiros nessa área, construímos uma empresa grande e forte”, conta o empresário que se orgulha dos números que alcançou no decorrer dos anos.

A rede fundada por Cascão já reuniu 92 postos de gasolina e chegou a ter uma frota de 35 caminhões próprios para transporte de combustível, tornando-se uma das maiores empresas do Brasil em vendas de combustível ao consumidor. Para chegar ao topo foi preciso ter jogo de cintura. No início, a demanda por gasolina era tão grande que a bomba secava quase que diariamente.

“Tínhamos que esperar chegar de Goiânia, porque havia pouco equipamento, uma bomba de óleo diesel e outra de gasolina, então secava. Eram três, quatro horas de viagem de lá para cá, porque passávamos por estrada de terra”, relembra Cascão, sobre as dificuldades da época.

À frente de uma função que há 60 anos era extremamente nova em sua vida, Cascão precisou se reinventar, sair do papel de funcionário público da Força Aérea Brasileira para ser um administrador. Aprendeu a gerenciar um posto de gasolina colocando a mão na massa, assim como muitos pioneiros que escolheram Brasília para chamar de lar. “Nós fornecíamos 80% do combustível para as companhias que fizeram os primeiros prédios. Eu carregava, dirigia, enchia o tambor. A demanda era grande”, emociona-se o mineiro que se considera um operário de Brasília.

Durante anos trabalhando arduamente para fortalecer o seu negócio, imerso no crescimento acelerado de Brasília, Cascão não teve muito tempo para admirar as belezas da nova capital. “A gente se acostumou àquele ritmo e às coisas que apareciam. Hoje aprecio muito mais a cidade, o Palácio da Alvorada com seus pilares, as colunas projetadas por Niemeyer. Eu gosto de contemplar e ler



BSB60 - Brasília e seus Pioneiros





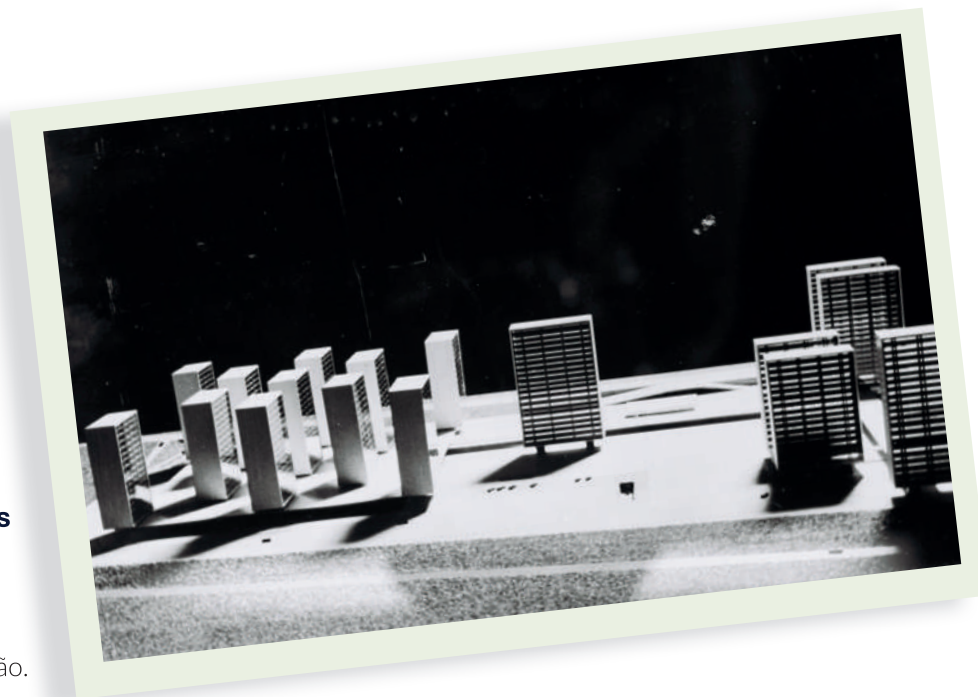
sobre a cidade. Não deixaria Brasília por nada, só em uma circunstância: para ir a algum lugar e voltar para cá”, diverte-se o empresário que deixou o filho Elson Cascão II à frente dos postos de combustível para realizar outra paixão: dedicar-se à criação de alta genética de gado e ser um respeitado pecuarista, responsável por uma fazenda localizada às margens do rio São Bartolomeu.

Engajado em tudo que se propõe a fazer, Elson Cascão é uma inspiração para os novos empreendedores e elenca as características essenciais para quem deseja começar um negócio: “Primeiro, recurso. Se não tiver recurso, vai pela criatividade. Ele tem que ter inteligência de criar um negócio”, observa.

Fã de Juscelino, Cascão tem em sua biblioteca particular inúmeras publicações sobre o ex-presidente e recorda-se com emoção da primeira vez que o viu pessoalmente. O empresário estava voltando de uma entrega que fez no Acampamento Pacheco Fernandes e passou na 108 Sul, quando avistou várias pessoas reunidas embaixo de um andaime. Lá estava o violonista Dilermando Reis tocando para Juscelino, Israel Pinheiro e para os operários. “Ele foi um sonhador, um cara que tinha um sonho maior do

que ele. Ele era um predestinado”,
elogia o pioneiro de 87 anos.

Ao lembrar da maquete que viu
na sobreloja do Edifício Central há
seis décadas, Cascão reflete sobre as
qualidades que tornam a capital um lugar
mágico. **“Brasília é única no mundo.
Quando acompanho os noticiários
e vejo aquelas imagens feitas de
helicóptero, das vias, penso: ‘mas não
é possível, isso aí é nosso, nós é que
fizemos’. Foram arquitetos e urbanistas
brasileiros que projetaram isso e nós,
como operários, é que fizemos”**, filosofa
o pioneiro que segue atento às mudanças
que ocorrem em Brasília, como um guardião.
Alguém que, assim como Juscelino, estava
predestinado a amar e ajudar a erguer
a nova capital federal e redescobrir o Brasil. [↗](#)



Império feito de fatia em fatia



Enildo Veríssimo Gomes

Enildo Veríssimo Gomes nasceu em Bambuí, cidade do interior de Minas Gerais, em 30 de dezembro de 1945. Sua infância na roça o permitiu ver de perto o trabalho do pai agricultor. Incentivado pelo patriarca, passou a trabalhar aos 12 anos, quando dividia seu tempo entre os estudos e os serviços que conseguia em mercados e mercearias da cidade. Aos 17, mudou-se para Araxá, onde trabalhou em uma lanchonete que mudaria para sempre a sua história. O contato que teve com a receita de pizza de um italiano com quem trabalhou seria, mais à frente, o combustível necessário para a criação de um ícone brasileiro: a



pizzaria Dom Bosco. Mas antes é importante entender como Brasília surgiu na vida desse jovem mineiro.

Incentivado por um colega a ir para a nova capital, o eldorado que prometia riquezas e oportunidades, Enildo deixou Araxá e se mudou de mala e cuia para a cidade. Nos primeiros meses ocupou um quartinho na casa de um colega na 706 Sul e logo encontraria um emprego em uma lanchonete na Esplanada dos Ministérios. Foi com o dinheiro desse trabalho que o esperto garoto conseguiu fazer um negócio e comprou o ponto que abriga a pizzaria Dom Bosco até hoje, na badalada rua da Igrejinha. A escolha da localização pareceu óbvia para Enildo no momento: “Brasília se resumia a essa quadra. Todo mundo que tinha dinheiro, que era funcionário, morava aqui”, recorda-se o empresário que, em 2020 celebra os 60 anos de sua marca.

Com atendimento exclusivamente feito no balcão, o serviço da pizzaria foi criado 100% na base da confiança. Não há comanda ou alguém que controle os pedidos. É o cliente quem vai ao caixa detalhar o que consumiu. Sem mesas e cadeiras, a pizzaria abriu





BSB60 - Brasília e seus Pioneiros

as portas em maio de 1960 já atenta às demandas dos fregueses. **“Naquela época em Brasília, na década de 1960, ninguém sentava para comer. O negócio era ganhar dinheiro. Se você ficasse uma hora sentado, perdia uma hora de serviço. Todo mundo estava na correria”**, lembra o comerciante, que cativou a clientela pela simplicidade da sua pizza: massa, molho, queijo e paixão. Mais nada. Enildo conta já ter tentado preparar uma pizza de outro sabor que não muçarela tradicional, mas rejeitou a ideia pelas dificuldades de encontrar coberturas que conseguissem se manter saborosas mesmo após um tempo expostas no balcão. Não encontrou. “O diferencial da pizza é a qualidade e é você gostar do que faz. Se não tiver qualidade, o consumidor na hora pula fora. Vai uma vez e não volta”, adverte o empresário que cuida pessoalmente do preparo das massas e se atenta para ter sempre queijo e farinha da melhor qualidade.

O nome da pizzaria - uma homenagem ao religioso italiano que sonhou com o nascimento de uma terra dotada de riqueza inconcebível - seguiu a onda dos muitos negócios que abriram em Brasília durante o período inicial. Como





uma forma de celebrar a profecia, diversos comerciantes batizaram seus empreendimentos com o nome de Dom Bosco. Por estar em um ponto estratégico, na 107 Sul, perto de onde estava o poder político da capital, Enildo viu passar por lá uma infinidade de figuras políticas, como Collor, o senador Virgílio Távora e a família Roriz. Do universo artístico, é endereço certo em todas os retornos da banda Raimundos a Brasília após os shows fora da cidade, e já foi point para Cazuza e Cássia Eller. Outro público cativo de Enildo é o infantil, a quem costuma dedicar uma atenção especial. “Você vê hoje como é a minha freguesia, as criancinhas com o dinheirinho na mão. Eu tenho o maior cuidado. O pessoal deixa, até vira as costas, mas aqui não. Principalmente criança. Elas têm que ser bem atendidas, receber o troco direitinho. Não é porque é criança que não tem que atender bem”, afirma.

Ligado nas missas que aconteciam todos os domingos às 19h na Igreja, o comerciante colocava no forno muitas pizzas de uma única vez porque sabia que depois a procura seria grande. “Muitos pais falavam para os seus filhos que quem não viesse à missa não comia pizza. Então, depois da celebração, a meninada descia correndo”,

diverte-se Enildo, que costumava colocar uma cebola para assar junto com as pizzas para que o agradável aroma perfumasse a quadra e os participantes da missa. Foram nesses encontros religiosos também que Enildo viu com frequência Juscelino Kubitschek acompanhando dona Sarah, sua esposa. “Quando ele chegava todo mundo rodeava ele, Juscelino era muito querido, um rei. Tudo dele era com honestidade, não tinha frescura. Ele ajudou muita gente, naquela época não existia desemprego em Brasília, não”, compara o negociante, que se recorda dos inúmeros altos e baixos pelos quais o país atravessou desde então.

Responsável com suas finanças e negócios, o mineiro passou para os filhos Romero, Rodrigo, Renata, Maria Clara a importância de ser uma pessoa com um círculo de amigos variado, do rico ao pobre, e alguém que conquistou credibilidade na capital graças à sua preocupação frequente com o bem-estar do cliente e com a qualidade do produto servido. Diariamente, Enildo chega às 5h da manhã na pizzaria. O combustível para aguentar o rojão? Duas ou três fatias de pizza, mais um copo de mate. Mas tem um componente bem mais importante que faz toda a diferença: Enildo é apaixonado pelo que

faz. “Eu falo para o pessoal, se você não gosta do seu ramo, não tem qualificação, não adianta você montar um negócio, porque vai durar pouco tempo. Se todo dia você chega lá e fica irritado, começa a ficar reclamando, estressado, mentalmente você se acaba”, aconselha o proprietário, que atualmente divide a marca com os filhos que tomam conta dos outros endereços da pizzaria, na Asa Norte, Sudoeste, 114 Sul, Guará e Águas Claras.

A famosa dupla - duas fatias de pizza servidas queijo com queijo - faz uma ótima companhia com o copo de mate gelado, receita feita à perfeição há décadas. “É tudo feito na medida. Um errinho, um pouquinho a mais de açúcar dá errado”, confia Enildo, que nos tempos áureos chegou a vender três mil fatias de pizza por dia. “Às vezes eu nem ia para casa. Dormia na loja mesmo porque chegava tarde e no outro dia tinha que abrir, mas eu era feliz. Não reclamava de nada, tinha muita saúde né, e eu só tenho a agradecer”, comemora o disciplinado empresário, que tem muito orgulho de ser um pioneiro que fez sucesso na capital. “Eu me sinto muito querido, isso não é para qualquer um. Temos que fazer por onde, merecer, nada cai do céu”.

Incansável, Enildo não consegue se desligar nem quando viaja e mesmo quando vai à praia, fica de olho no telefone para saber notícias de como andam os negócios. Quando sai da capital, aproveita para fazer propaganda de Brasília para todos que encontra pela frente, especialmente para os colegas aposentados. “A qualidade de vida aqui é indiscutível. Tem o melhor padrão de vida, é o melhor lugar para se viver”, insiste o otimista comerciante, que mesmo após seis décadas segue nutrindo um amor para lá de especial pela terra que o abraçou. ➔



A man with a mustache, wearing a light blue checkered button-down shirt and brown trousers, is leaning on a metal railing. He is looking off to the side with a thoughtful expression. The background is a large, brightly lit industrial factory with various machinery and equipment. The image has decorative corner patterns of overlapping circles in the top right and bottom left.

Construtor de sonhos

Eustáquio Rezende

Determinação, honestidade e vontade de trabalhar são palavras de ordem na vida de Eustáquio Alves Rezende, mineiro bom de papo e de serviço. Dono de um jeito sereno, Eustáquio cumprimenta os clientes na porta do Home Center Rezende, conversa com os funcionários de forma horizontal e celebra as amizades que fez no ramo empresarial no decorrer de sua trajetória em Brasília. **“O sonho de Dom Bosco, concretizado por Juscelino, trouxe esperança para muita gente. Uma esperança muito grande de chegar aqui e conseguir sobreviver ou melhorar de vida”**, observa o empresário.



Nascido em 28 de novembro de 1944, em Esmeralda, Minas Gerais, Eustáquio Rezende mudou-se para Goiânia com a família em 1951, onde todos permaneceram até 1957. O destino seguinte seria a região onde estava sendo erguida a nova capital da República. Com uma carência de funcionários para dar conta da enorme demanda, o pai de Eustáquio foi requisitado como mestre de obras e a família passou a morar em um barraco coberto com saco de cimento vazio. Trabalhador, Eustáquio passou a juventude engraxando sapatos e vendendo doces e bolos nos canteiros ao lado da mãe. Em 1963, ano em que o seu pai morreu, surgiu a oportunidade de trabalhar com material de construção. Cinco anos depois viria a chance de abrir seu próprio negócio.

O Home Center Rezende como conhecemos hoje foi fundado como Depósito Rezende, na Quadra 7 de Sobradinho, em 1º de agosto de 1968. Um negócio familiar, tocado por quatro irmãos, começou tímido, com poucos materiais e um pequeno time de funcionários. Com muito esforço e dedicação, a empresa cresceu e na década seguinte foram

inauguradas duas filiais, sendo uma na BR 020 (entrada de Sobradinho), e outra em Planaltina. Ao lado do irmão Edson, Eustáquio soube driblar as oscilações econômicas e os dois se mantiveram firmes. Na década de 1980, deixaram de lado a palavra “depósito” do nome e passaram a adotar Rezende Materiais de Construção. Atualmente, além da mega store de Sobradinho, a marca tem mais três pontos de venda: Setor de Indústrias e Abastecimento, Planaltina e Posse (Goiás).

Sobradinho foi o marco zero da Rezende não por acaso. As raízes da família estão fincadas ali, região para onde eles foram realocados em função da extinção da Vila Amaury, local que foi alagado e cedeu espaço para a imensidão do Lago Paranoá. Foi na cidade que Eustáquio conheceu a esposa e criou os cinco filhos. Foi lá também que sua mãe, Maria das Dores Alves Ferreira Rezende, fundou uma escola, o Centro de Ensino Santa Rita de Cássia, que atualmente conta com mais de mil alunos. “Devo tudo à minha mãe, que sempre foi muito corajosa e determinada. Ela tinha o sonho de alfabetizar e com o pulso firme criou oito filhos e abriu uma escola bastante valorizada



BSB60 - Brasília e seus Pioneiros





na cidade”, emociona-se, ao se lembrar dos frutos colhidos pela mãe. Sua obstinação Eustáquio tenta passar para três dos seus cinco filhos, que hoje estão ao seu lado no negócio, e também para quem lhe pede dicas sobre as principais características necessárias para começar a empreender. “A primeira coisa que tem que ter é determinação, honestidade e vontade de trabalhar. São fundamentais para se montar um negócio. Honestidade principalmente”, enumera.


Tornar-se uma das empresas de referência na área foi uma tarefa construída ano após ano nessas últimas cinco décadas. Com uma boa relação com o mercado, Eustáquio Rezende crê na política da boa vizinhança como um propulsor desse crescimento. “Temos uma boa relação com os nossos concorrentes. É um relacionamento de muita amizade e não de concorrência. É um relacionamento de integração mesmo, onde só se soma”, analisa o empresário, que hoje tem nas suas lojas cerca de 250 funcionários. Esse sentimento de camaradagem narrado por Eustáquio Rezende não é recente. No começo de tudo, quando Brasília era um enorme canteiro e

chegavam pessoas do Brasil inteiro para trabalhar na construção ou em serviços paralelos, ajudar um ao outro era a melhor forma de sobreviver às dificuldades do período. “Naquela época havia especialmente uma parte de troca de mercadorias, existia esse intercâmbio de materiais, todo mundo se ajudava”, relembra o negociante que chegou a fornecer para as obras do Hospital de Base, Hospital das Forças Armadas, ministérios e se admira ao ver hoje todos esses edifícios em pleno funcionamento, sendo parte da cadeia de trabalho dessas construções.

Admirador de Brasília por ser a concretização dos planos de Juscelino e de tantos pioneiros que optaram por viver nessas terras, Eustáquio se lembra de como o projeto da capital era visto inicialmente com pessimismo por algumas pessoas. “Muitos pregavam que Brasília não seria inaugurada em 1960. Mas foi e todas as obras iniciadas naquela época foram concluídas. A cidade foi tomando forma e aí foram acreditando mais em Brasília e verificando que Brasília não era uma promessa, era uma realidade mesmo”, recorda-se. Ao fazer uma análise sobre o plano de ação

“50 anos em 5”, lema de Juscelino Kubitschek para desenvolver a nova capital, Eustáquio acredita que não se tratou somente da construção de uma cidade, mas da evolução de todo o país. Conterrâneo de Juscelino, o empresário encontrou o presidente diversas vezes enquanto ele visitava obras e lembra com carinho dos momentos em que esteve com o político. “Eu acho que ele foi desbravador, muito corajoso e bastante competente”, elogia o mineiro, que facilmente poderia ganhar essas mesmas qualidades que ele dedica a Juscelino Kubitschek, pela sua brava trajetória como pioneiro e como alguém que rapidamente se tornou brasiliense de corpo, alma e coração. ↗





**Realização
nos
negócios
e na vida
pessoal**

Geraldo Vasconcelos

Quando Brasília completou 40 anos, em 21 de abril de 2000, Geraldo Vasconcelos publicou uma poesia em sua homenagem. Nos versos, narra como foi bem recebido com a família, fala de quando conheceu o presidente médico e de uma história de amor que jamais terá fim. Vinte anos se passaram, mas o poema segue emocionando Geraldo, que não consegue declamar essas linhas sem se lembrar de toda trajetória que o trouxe para o centro do poder político do país.

Cearense de Tianguá, Geraldo Vasconcelos nasceu em 18 de novembro de 1933. Criado com oito



irmãos, mudou-se para Parnaíba, no Piauí, ainda na infância, onde trabalhou como office boy. Em busca de outras perspectivas, optou pela vida no Rio de Janeiro onde tinha um escritório de representação e se casou com Maria em 30 de julho de 1955. Em 1959, empreendeu nessa aventura chamada Brasília motivado pelas constantes conversas que apontavam a nova capital como uma promessa.

Comunicativo e bem humorado, viajou para Brasília e na estrada que ligava Goiânia à capital cruzou com um loteamento onde, coincidentemente, esbarrou com um irmão, que não via há anos e que logo tratou de apresentar a região para ele. Encantado com a possibilidade de adquirir um posto de gasolina onde hoje está Alexânia - na época chamado de Nova Flórida - Geraldo voltou para o Rio de Janeiro e conheceu João, um maître do Copacabana Palace que também estava interessado em partir para Brasília e que o ajudou com as compras de todos os materiais necessários para abertura do negócio. Inicialmente um ponto que só funcionava

até as 23h, logo Geraldo precisou se adaptar à rotina das estradas e passou a não fechar mais.

Com o Posto do Geraldo, onde atuava como restaurante, bar e posto de gasolina, o cearense passou quatro anos dando as boas-vindas àqueles que chegavam em Brasília. Em determinado momento recebeu inclusive Juscelino Kubitschek e sua comitiva, cerca de 66 pessoas, que comeram um frango com quiabo especialmente preparado para o presidente. **“O Juscelino é uma unanimidade nacional. Ele foi, sobretudo, esperança”**, admira o empresário, que trabalhava mais na porta do seu estabelecimento, recepcionando as pessoas que chegavam. “Um dia decretei que o cafezinho não seria mais pago, seria de graça e um americano falou ‘de graça?’ você sabe que em 10 anos você teria milhões, né?’ e eu disse a ele que teria milhões, mas não teria amigos”, confidencia.

Um dia, já cansado da rotina praticamente ininterrupta, Geraldo Vasconcelos recebeu uma proposta inesperada de um cliente que tinha o sonho de comprar seu posto de gasolina. Geraldo vendeu na hora. O rapaz não tinha dinheiro suficiente para pagar o valor desejado pelo





cearense, mas tinha muitos imóveis. Testemunha ocular da história, Geraldo comprou uma gráfica na qual chegou a ter 400 funcionários, abriu um jornal, o Diário de Brasília, e consagrou-se um empresário de sucesso com a Aguiar de Vasconcelos Imóveis, empresa tão bem relacionada entre os clientes, que surfa no ótimo boca a boca que tem para manter a clientela fiel. “Eu tenho muito orgulho da situação na qual me encontro hoje como empresário, trabalhando com gente. Diariamente entram aqui no meu escritório dezenas de pessoas. Uns vêm só me cumprimentar”, emociona-se.

Geraldo Vasconcelos tem a curiosa fama de ter conquistado 10 mil amigos. Antes do advento do WhatsApp, costumava ligar diariamente para os amigos aniversariantes do dia. Agora, economiza tempo enviando mensagens, mas ainda assim não deixa passar batida nenhuma data. “Eu digo sempre para os meus filhos que geralmente velho é rabugento, é nervoso, não está satisfeito com nada. Eu sou o contrário, eu sou velho e feliz. Eu sou feliz com tudo, com dinheiro, sem dinheiro”, diverte-se o empresário que conta não ter

sido difícil acumular tantas amizades recepcionando aqueles que chegavam a Brasília entre 1959 e 1963.

Presidente da Companhia dos Cearenses, um grupo formado por conterrâneos, Geraldo tem orgulho de sua terra e de ter vencido na nova capital da República. “Eu não tinha muita dificuldade. Para quem vem lá do Nordeste, com a dificuldade que tem lá, eu estava no céu. Eu tinha um restaurante próprio, comia o que eu queria. Tenho muito orgulho de ser pioneiro, eu vim mesmo na raça e sem expectativa, mas eu sempre confiei no meu trabalho, nas minhas coisas”, avalia o amoroso empresário, que tem na paixão à Brasília e à sua família algumas de suas características mais marcantes. ↗





Crescimento pela educação

Getúlio Américo Moreira Lopes

A criação de Getúlio Américo Moreira Lopes foi forjada em torno de uma atmosfera de constante preocupação com a defesa da democracia e a luta em favor da educação. Filho de João Herculino de Souza Lopes, fundador do Centro de Ensino Unificado de Brasília (Ceub), Getúlio herdou do pai não só o negócio pioneiro no ensino superior particular na capital, mas, acima de tudo, um projeto de educação que previa transformar o futuro daqueles cidadãos brasileiros que deixavam suas cidades para trás em busca de novos projetos de vida.



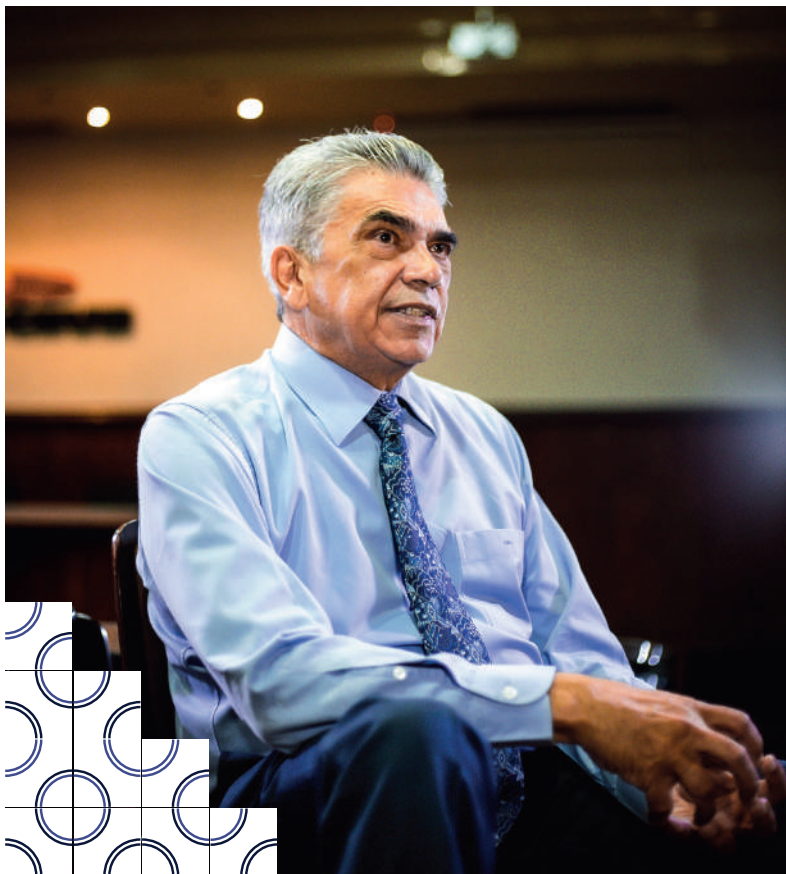
Na década de 1960, quando ainda engatinhava, Brasília não desfrutava de muitas opções noturnas para a ainda incipiente população brasiliense. Atento às particularidades desse público que buscava por uma ocupação à noite e por uma formação mais qualificada, Herculino uniu-se a Alberto Péres para inaugurar o Ceub, em maio de 1968. A chegada da faculdade foi um sucesso, com 1.100 alunos aprovados no vestibular para Pedagogia, Economia, Geografia, História, Letras, Contabilidade, e Direito, curso que levou a instituição a destacar-se nacionalmente pela qualidade no ensino.

Mesmo com inúmeras dificuldades financeiras nos anos iniciais, Herculino conseguiu se estabilizar e levou à frente seu plano de transformar a graduação no Distrito Federal. Responsável pela formação de mais de 100 mil estudantes, pôde ver antes de morrer, em 2003, o êxito dos cursos do Ceub e principalmente o crescimento vertiginoso dos alunos formados na instituição. Muitos chegaram a ocupar cargos públicos nos poderes executivo, legislativo e judiciário, bem como posições de poder nas mais diferentes áreas de formação, como Jornalismo e

Administração. Essa conquista foi acompanhada de perto por Getúlio e sua família, que esteve ao lado de Herculino desde quando o Ceub era apenas um sonho.

Durante a construção do prédio que passou a abrigar a instituição, na ainda pouco habitada Asa Norte do ano de 1967, Getúlio recorda-se da correria para erguer o edifício e das madrugadas que passava com os irmãos. “Pequenos, nós vínhamos para cá na construção. Nosso pai levava a gente lá para cima, mostrava concreto, trabalhava aqui dia e noite e nós tínhamos vários prédios alugados. O Ceub crescia muito e com uma rapidez tão grande que quando faltavam uns três meses para o prédio ficar pronto, para os alunos virem para cá, viemos fazer um prédio para aquele bloco em frente a esse. Era um bloquinho de tijolos de cimento de um andar só, feito em 90 dias”, recorda-se Getúlio, ao apontar as lembranças do impressionante crescimento que a universidade obteve.

Natural de Sete Lagoas, Getúlio mudou-se para Brasília aos 12 anos com a família para acompanhar o pai que se elegeu deputado federal pelo estado de Minas Gerais. A família se instalou na nova capital em 1963 e a



BSB60 - Brasília e seus Pioneiros

concretização do sonho de Herculino de abrir uma instituição de ensino surgiu alguns anos depois, quando o visionário empreendedor enxergou que poderia crescer com a nova capital. “O Ceub começou oito anos depois de Brasília, sempre com o objetivo de servir à comunidade”, observa Getúlio, que assumiu a reitoria em 2003. O mineiro se lembra de como se sentiu impactado ao ver a dimensão que Brasília tinha, muito diferente do cenário que estava habituado a observar na cidade interiorana de onde viera. **“Para nós tudo era novidade. Fomos visitar a cidade, lembro da emoção de ver a Praça dos Três Poderes, o Eixo Monumental. Em Brasília você via o crescimento, via a empolgação que o pessoal tinha com a cidade e a rapidez com que ela se desenvolvia, era impressionante”**, comenta o empresário mineiro.

Assim como Brasília, o Ceub seguiu crescendo. Lado a lado com a cidade, o centro





universitário ganhou um campus em Taguatinga, onde ocupa uma área de 15 mil metros quadrados. Na Asa Norte, está instalado em um quarteirão de 60 mil metros quadrados e no Setor Comercial ocupa o Edifício União, um prédio de 14 andares onde são realizadas as práticas universitárias, com uma série de serviços oferecidos de forma gratuita para a população. “Estamos com uma comunidade de alunos de cerca de pouco mais de 20 mil pessoas fazendo parte de Brasília e do desenvolvimento da capital”, comemora o empresário. A sintonia do UniCeub com Brasília é tão grande que em 2019 a instituição firmou parceria com a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) para que os alunos participem da inspeção de pontes e viadutos do Distrito Federal. O termo de cooperação técnica possibilita que estudantes de Engenharia colaborem com as atividades desenvolvidas pela estatal. Para Getúlio, esse trabalho conjunto entre os universitários e o poder público busca resultar em um conhecimento mais aprofundado das necessidades da cidade, com o intuito de evitar possíveis desastres.

Com uma forte vocação para o empreendedorismo, o Ceub estimula seus alunos a saírem do pensamento

naturalmente condicionado do brasiliense de que a única saída são os concursos públicos e busquem o mercado de trabalho, se organizem em grupos, façam startups e foquem em serviços. “Brasília é uma cidade pujante que cresce, que tem condições próprias, com um povo trabalhador que começou, esses pioneiros. E hoje os filhos deles estão aí, lutando da mesma forma. Vamos fazer Brasília crescer. É muito bonito ver hoje o Ceub e essas empresas todas que começaram aqui em Brasília, grandes, robustas, fortes. É um orgulho grande para nós pioneiros vermos essa Brasília pronta aos 60 anos. Vamos melhorar muito essa cidade, ela vai ser cada vez melhor”, promete Getúlio, que conta com a ajuda de uma legião de alunos e ex-alunos para dar conta da tarefa de transformar Brasília em um local ainda melhor para se viver e prosperar. [↗](#)



BSB60 - Brasília e seus Pioneiros





**Várias
facetras
de um
empreendedor**

Gilberto Salomão

Ir ao Gilberto, passar pela ponte do Gilberto. Para alguém que não mora em Brasília ou desconhece as particularidades da capital, ouvir essas expressões pode soar um tanto estranho, como se o passeio fosse uma visita a um velho amigo. E, de fato, é exatamente disso que se trata. Gilberto Salomão é uma das figuras mais icônicas de Brasília, um bravo pioneiro que emprestou seu nome para um centro comercial há cinco décadas e que jamais poderia imaginar como sua assinatura se tornaria uma referência para a capital, tanto em termos empresariais quanto geográficos.



A veia empreendedora de Gilberto Salomão não é à toa. De origem libanesa, o empresário nascido em 25 de agosto de 1931 herdou do pai sua paixão pelos negócios. “Meu pai, apesar de analfabeto, construiu quase metade de Uberaba”, recorda-se Salomão, que se formou em Química Industrial para trabalhar na fábrica de cerâmica do patriarca, motivo que o trouxe para Brasília há 63 anos. Seu contato com a nova capital aconteceu de uma forma inesperada. Uberaba, a cidade onde nasceu, estava na rota dos caminhões que partiam de São Paulo, Santos e Rio de Janeiro rumo à Brasília munidos de materiais de construção. Certo dia, aproveitou a passagem de um grupo e apresentou seu material para um engenheiro conterrâneo que estava participando da construção. De cara, ouviu que o produto não era de qualidade e certo da eficiência do produto que ele mesmo fabricava, Gilberto Salomão seguiu para Brasília disposto a mudar essa impressão.

O mineiro desembarcou em Brasília em 12 de setembro de 1958, data que ficou guardada em sua memória por ser o aniversário de Juscelino Kubitschek e por vê-lo discursar a alguns trabalhadores no Núcleo Bandeirante

sobre os andamentos das obras. A visita seria rápida, mas logo Gilberto percebeu o oceano de oportunidades que se abria em sua frente. Na época, a empresa de seu pai revolucionava o setor, que até então fabricava apenas telha e tijolo. Gilberto e família surgiram com novos produtos, chamando a atenção dos construtores que se instalavam na capital. “O produto que eu tinha era um tipo de laje de forro que não precisava gastar tanto concreto e evitava o gasto com outros materiais de difícil acesso”, recorda-se o empresário que rapidamente fortaleceu laços com o dono de uma empresa responsável por um ministério e conseguiu pessoal para ajudá-lo com a obra do espaço. **“Fiquei 40 dias com a roupa do corpo, morando no Núcleo Bandeirante, pegando carona 5h30 da manhã pra ir para a Praça dos Três Poderes. Trabalhava até 2h, 3h da madrugada. Pegava carona para lá e aí assenta tijolo, faz reboco, assenta azulejo. Foi um privilégio enorme”**, orgulha-se o empreiteiro.

Nessa insana rotina em que os trabalhadores mostravam que era até possível o dia ter mais de 24 horas, de tão intermináveis que eram as jornadas de trabalho nas construções, Gilberto Salomão

desdobrou-se em mil para agarrar as mais diversas oportunidades que surgiram. Além de ter herdado o caráter empreendedor do pai, Gilberto absorveu ainda a forma multifacetada com a qual o patriarca distribuía sua atenção para os negócios. Com o passar dos dias em Brasília, além de atuar como empreiteiro, o jovem passou a ter um restaurante na Vila Planalto, uma cantina na Barragem do Paranoá, para cerca de 500 pessoas, uma outra na ponte do Bragueto, e começou a comercializar quentinhas para os operários das obras.

Algum tempo depois, a economia esfriou e a construção civil deu uma estacionada na capital. Depois de morar de aluguel e ser provocado pelo pai a construir a própria casa, viu no ramo outra forma de renda. Passou, então, a construir casas na W3 e vendê-las. As oscilações econômicas fizeram os preços dos terrenos irem para as alturas e os negócios deram uma esfriada. Mas logo Salomão deu outro jeito: observou o preço baixo dos terrenos que estavam vendidos pela Novacap no Lago Sul e certo de que estava fazendo um ótimo negócio construiu sete casas. A primeira delas foi um projeto

BSB60 - Brasília e seus Pioneiros





do renomado arquiteto César Barney, o primeiro do seu portfólio de construções particulares.

Mas o investimento não surtiu o efeito esperado e as casas não foram vendidas. Disposto a oferecê-las de graça para parentes, não conseguiu quem as quisesse. Isolado do restante da cidade, o Lago Sul não tinha mais do que 100 casas, do aeroporto ao Paranoá. Como não havia nenhuma ponte até então, para comprar uma caixa de fósforos o cidadão precisava dar a volta pelo aeroporto e se dirigir até a W3 Sul. Frustrado com esse cenário, Gilberto Salomão dividiu sua insatisfação com o amigo e então prefeito de Brasília, Plínio Almeida, e ouviu um conselho que mudaria de vez sua trajetória, o de abrir um centro comercial, movimento que poderia ajudar a levar mais pessoas para a região. Com a ajuda do amigo Edilson Cid Varela, fundador do jornal Correio Braziliense, Salomão conseguiu uma condição atraente financeiramente, na qual se comprometeu a começar a construir em três anos e terminar em 10.

Inaugurado em 1968, o Centro Comercial Gilberto Salomão ganhou esse nome para fugir dos estrangeirismos da época e mesmo quando o idealizador

pensou em alterar já não era mais possível: seu nome estava literalmente na boca do povo. Com a construção da Ponte das Garças, em 1974, o Lago Sul finalmente ganharia o status desejado pelo empresário e a região passou a ter um dos metros quadrados mais caros do país. Nesse período, o Centro Comercial Gilberto Salomão se consolidava como o point da juventude abastada, sendo a principal referência de diversão para artistas, políticos e jovens endinheirados. Era lá que se localizava também o Cine Espacial, uma sala de cinema que tinha um formato até então inédito e permitia que os filmes fossem exibidos em uma tela 360°, proporcionando uma boa visão do filme independente do assento escolhido.

Em 1969 o restaurante Bier Fass abriu suas portas no espaço se tornando atualmente o único ponto que permanece em funcionamento desde a sua inauguração. Duas décadas depois, em 1986, chegaria ao complexo a boate Zoom, casa noturna que colocou Brasília no mapa da noite brasileira. A luxuosa iniciativa ostentava globos e refletores e foi erguida em parceria com Chico Recarey, considerado o rei da noite carioca. Entre os convidados que passaram por lá estão nomes como

Pelé, Xuxa, Luiza Brunet e Roberta Close. “O Centro Comercial realmente se consolidou e veio a se transformar em um bom negócio quando veio o sonho do Abílio Diniz, que era fazer um mercado grande, então o primeiro Jumbo de experiência no Brasil (atualmente Pão de Açúcar)”, pontua Gilberto Salomão, que acredita que o principal trunfo do seu empreendimento é sua arquitetura diferenciada, capaz de transformar o que seria uma simples ida a um shopping em um momento de prazer e descontração. “Tem pessoas que vêm para cá duas, três, quatro vezes por dia. Anos atrás fiz uma pesquisa e descobri que muitos idosos vêm só para encontrar os amigos”, celebra o satisfeito empresário.

Casado com Maria Salomão, pai de Márcio, Martha e Marília, e avô de Marcos, Maria Victoria, Maria Valentina e Gilberto Salomão Neto, o patriarca diariamente vai ao centro comercial, conversa com amigos e encontra colegas pioneiros para bater um papo sobre os tempos de outrora. Orgulhoso de sua trajetória como alguém que



apostou e venceu na capital fundada por Juscelino Kubitschek, Gilberto Salomão é tão zeloso com a memória da cidade que chama de sua, que preserva um rico acervo de imagens dos períodos iniciais de Brasília. Assim, toda vez que olha para suas paredes e estantes, Gilberto se recorda de cada passo dado para trilhar o caminho que o transformou na referência que é para a cidade e para a família. ↗





**Patrimônio
vivo da W3**

Hely Walter Couto

Ter um coração generoso e ser “o patrimônio da W3” são as principais marcas que Hely Walter Couto deixa entre os seus admiradores. Em rodas de conversa com pioneiros ou figuras que participaram ativamente da consolidação da capital federal, não é difícil encontrar fãs de Hely por toda sua luta em prol da manutenção da W3 como um patrimônio de Brasília.

Bom de papo e afável, como todo mineiro, Hely guarda de seus dois mandatos como comodoro no late Clube de Brasília lembranças que até hoje fazem brilhar seus olhos. Segundo ele, “os melhores anos já vividos”.



Uma figura-chave na consolidação de Brasília como uma cidade erguida para acelerar o desenvolvimento do país, Hely soube aproveitar cada oportunidade ofertada por essas terras. Nascido em 3 de dezembro de 1925, na cidade de Carmo do Paranaíba, em Minas Gerais, Hely foi criado por uma tia em São Gotardo e alegrou muitas festas de carnaval e de baile quando se aventurou como cantor aos 16 anos. Convocado para o Exército aos 18, mudou-se para Belo Horizonte e na capital mineira desenvolveu seu dom como alfaiate. E foi a partir daí que seu destino cruzou com o da tão falada nova capital. Com a ajuda de Afonso de Paula Araújo, irmão de seu compadre, e o anfitrião Vicente de Paula Araújo, construiu um barracão para vender capas, botas e objetos afins na Avenida Central da então Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, em 1958.

Recém-casado com Helenice Bougleux, com quem celebra uma união de mais de 60 anos, Hely precisou deixar a esposa em Belo Horizonte e só a via a cada 20 dias, até se estabelecer na nova capital. A oportunidade chegou quando fez uma proposta para vender travesseiros para a Novacap. A empresa topou o preço do comerciante

e a encomenda de mil unidades não afugentou o jovem empresário, que tratou de ir para São Paulo para dar conta da grande leva pessoalmente. Com tino para os negócios, encomendou dois mil travesseiros para serem entregues em Brasília três dias antes da inauguração, contando com a possibilidade de vender os mil restantes para os novos moradores que desembarcavam para morar nos edifícios que estavam sendo construídos. Na hora da entrega, a surpresa: a Novacap queria mais, exatamente mil a mais. A jogada certa estabeleceu financeiramente Hely, que pôde trazer a família e dar continuidade à sua Casa de Borracha, nascida em setembro de 1958. Devido à ocasião, logo a empresa ganhou o nome de Pioneira da Borracha e tornou-se uma das marcas mais tradicionais de Brasília, chegando a ter oito unidades espalhadas pela capital.

Uma conversa rápida com funcionários da Pioneira é possível entender como uma casa tem se mantido há tanto tempo, mesmo após as oscilações econômicas do país e em meio a uma W3 que não tem mais o brilho de outrora. Posicionado comercialmente como local que vende de tudo, desde colchões e mangueiras aos mais

variados tipos de presentes, a Pioneira da Borracha tem nos seus colaboradores uma joia acarinhada por Hely. A cada frase destinada à casa, o empresário tece elogios àqueles que dividem com ele a manutenção da Pioneira como uma referência na capital. Não é incomum cruzar com funcionários que estão há décadas na loja e que dão a Hely o crédito do ambiente harmonioso. “Ele é a luz desse lugar, quando ele não vem não é a mesma coisa”, conta uma funcionária, que divide a rotina com o bem-humorado empresário diariamente. Nonagenário, Hely Walter Couto segue com a mesmos hábitos. Todos os dias vai à loja, despacha com os funcionários, almoça em casa e retorna. Aos domingos, almoça no late Clube e bate papo com os amigos.

Referência quando o assunto é persistência e perseverança, Hely é um dos principais defensores da W3 por ter visto os tempos de glória da avenida, quando as principais lojas da capital se instalavam na região e por lá desembarcavam blocos de carnaval e shows musicais. Com a diminuição dos investimentos em estrutura e segurança no local, bem como a chegada avassaladora de shoppings e centros comerciais, Hely





viu dia após dia a W3 perder o status que outrora ele ajudou a construir. Mas ele não esmoreceu e se manteve um defensor ferrenho da revitalização da avenida, que recentemente começou a ganhar reparos nas calçadas e melhorias que têm acalmado o coração do comerciante. “É como uma homenagem em vida”, dizem os que sabem a importância de reerguer a W3 enquanto Hely ainda ocupa as calçadas da avenida.

O carinho com a W3 e com a empresa levaram o empresário a se tornar uma referência entre os comerciantes. Assim, foi eleito tesoureiro, secretário, vice-presidente e presidente do Conselho Superior

da Associação Comercial do Distrito Federal. Foi presidente ainda do Comércio Varejista do DF e vice-presidente da Federação do Comércio do DF, cargos que aproximaram o empresário de toda a classe e ajudou a consolidar o ramo empresarial do Distrito Federal. Durante sua trajetória profissional, Hely se especializou, formando-se em Contabilidade e Direito, curso que frequentou no UniCeub e no qual teve aula com João Herculino, fundador da instituição - fato rememorado por Hely com muito carinho.

Aliás, ter tido contato com nomes ilustres da construção de Brasília e pessoas responsáveis pelo desenvolvimento econômico e social da nova capital é motivo de orgulho para o mineiro. À frente do Iate Clube, recebeu em bailes e ocasiões especiais figuras como Oscar Niemeyer e o presidente Juscelino Kubitschek, com quem dividiu um momento inesquecível. Durante o lançamento de um livro da escritora Vera Brant, Juscelino estava cansado e pediu ao então comodoro um lugar onde pudesse descansar. A sós em uma sala reservada, JK tirou os sapatos e descansou os pés, enquanto Hely aproveitava a ocasião para tecer elogios

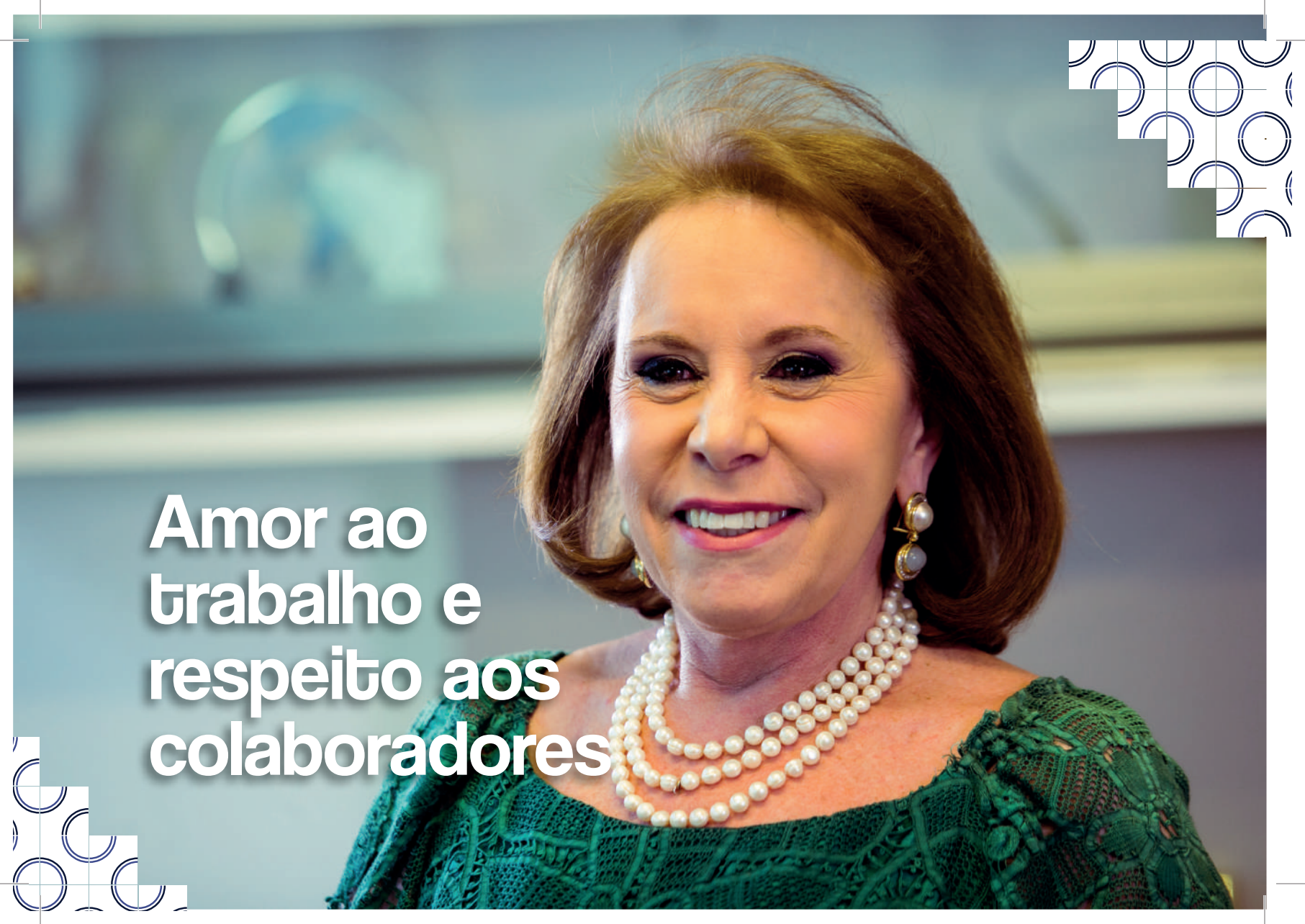
ao conterrâneo. Juntos, eles se abraçaram e Hely se arrepende profundamente de que sua timidez não tenha permitido que ele buscasse um fotógrafo para registrar o momento. Mas a boa memória não lhe falha e esse é um dos momentos preferidos da relação de Hely com Juscelino, político admirado pelo empresário.

“Juscelino é orgulho não só do Brasil, mas do mundo”, pontua Hely, que inclui o político nas suas orações diárias por todas as vidas transformadas após a construção de Brasília. Em um dos momentos em que se encontraram pessoalmente, Hely disse a Juscelino como sua trajetória virou de cabeça para baixo quando a nova capital cruzou seu caminho, saindo de um simples alfaiate a comodoro de um tradicional clube. Assim como outros pioneiros, Hely Walter Couto buscou em Brasília melhorar de vida, crescer e alcançar o sucesso. **“Naquele tempo, o Brasil tinha pouco desenvolvimento, era muito pobre, não tinha nada. Viemos todos para melhorar de vida. Eu era alfaiate, pobre toda vida, andava com o pé no chão”**, reflete.

Dono de um legado incalculável pelo valor sentimental, Hely orgulha-se de ter sido um gerador de empregos

e de ter apostado na capital, transformando a Pioneira da Borracha em uma marca de sucesso e investindo em prédios e galpões espalhados pela capital. Ser um bravo defensor da W3 é outra característica que toca o coração do empresário. “A W3 é a relíquia de Brasília”, elogia o pai coruja. O fascínio pela capital estampa as paredes da sede de sua empresa, instalada no terceiro andar da loja primogênita, localizada na 511 Sul. Por lá, troféus, medalhas, retratos de família e fotos ao lado de políticos e artistas ocupam as paredes e prateleiras como um museu particular. Naquelas fotografias, que Hely aponta a todo instante em que se refere a uma pessoa com quem conviveu, estão não só fatos marcantes da memória deste pioneiro, mas principalmente uma linha do tempo da cidade erguida a muitas mãos de mentes sonhadoras e obstinadas. Hely venceu, mas, para ele, sua maior vitória é estar ao lado daqueles que ergueram uma cidade do zero, seja com a própria força física, seja com o entusiasmo de oferecer serviço aos que desembarcavam em um sonho que, àquela altura, já não era mais só de Juscelino Kubitschek. [↗](#)





**Amor ao
trabalho e
respeito aos
colaboradores**

Janete Vaz

Janete Vaz sorri com os olhos e sua fala cheia de otimismo e esperança ajuda a entender o fenômeno chamado Sabin. Ao lado de Sandra Costa, Janete fundou em 1984 uma das mais importantes empresas de medicina diagnóstica do país, marca responsável por Brasília ser sinônimo de referência no setor, o que já rendeu às bioquímicas e empresárias uma colocação entre as 40 mulheres mais poderosas do Brasil, de acordo com seleção feita pela revista Forbes.

À frente de uma equipe formada por 5.500 colaboradores e um time composto 77% por mulheres, Janete se



orgulha em dizer que 74% dos cargos de liderança são ocupados por mulheres. Ter um atendimento acolhedor, com direito a pão de queijo quentinho e música ao vivo, fez a empresa se destacar no mercado pela forma carinhosa com a qual trata os clientes e, especialmente, seus colaboradores. Políticas de promoção e valorização do funcionário deram ao Sabin repetidos títulos de uma das melhores empresas para se trabalhar no Brasil, em ranking estabelecido pelo Instituto Great Place to Work.

E não é difícil ver sorrisos brilhantes e satisfeitos pelos corredores da sede de empresa, um edifício sustentável de 14.000 metros quadrados de área construída que prima pelo bem-estar de todos que passam por ali. Com um banco de currículos que acumula mais de 200 mil pessoas interessadas em ocupar um posto no Sabin, é fácil entender o motivo de tanto alvoroço ao dar uma breve caminhada pela sede. No terraço amplo e arborizado há uma série de equipamentos para desopilar o funcionário: sinuca, totó, dominó e até uma mini-cama elástica. Há ainda espaço para leituras com livros e computadores à disposição e até mesmo uma área dedicada à beleza, onde é possível arrumar os cabelos e as unhas e só

pagar no contracheque do mês seguinte. Detalhes que parecem banais, mas que fazem uma diferença enorme na qualidade de vida dos colaboradores.

Enquanto desfila pelo corredor ao lado da sócia, Janete é recebida com afeto pelos funcionários que costumam abraçá-la calorosamente. Vem daí uma de suas maiores emoções: saber que sua equipe trabalha feliz, em um ambiente de afeto. “Pessoas felizes produzem mais e melhor”, defende Janete, ao reforçar que cliente feliz é consequência de colaboradores felizes. “Trabalhamos com vários projetos, como um que chamamos de Gestão com Amor, o nosso processo de gestão de desenvolvimento que tem como pilares atrair, desenvolver, desafiar, reconhecer, recompensar e comemorar. Comemoramos tudo, até a gravidez, porque com 77% de mulheres, tem que comemorar a gravidez também”, diverte-se Janete.

Nada disso é em vão. Janete empresta para sua empresa os ensinamentos que carregou durante a vida. Nascida em uma fazenda próxima a Anápolis, Goiás, cresceu vendo o pai trabalhar incansavelmente, mostrando na prática como é a consolidação de um empreendedor nato. Da mãe, herdou a personalidade cuidadosa e

zeladora, a quem ela credita o atendimento humanizado prestado nas unidades do Sabin, espalhadas em 50 cidades Brasil afora. Foram seus pais que a encorajaram a realizar todos os seus projetos. Depois de se formar em Bioquímica em Goiânia, Janete quis se mudar para Brasília, para abrir o seu primeiro negócio e morar na “cidade dos sonhos”.

Sua memória afetiva remete a um marco histórico importante: o dia em que Janete pisou em Brasília pela primeira vez, em 20 de julho de 1969, Neil Armstrong dava os primeiros passos na Lua. “Era um dia de festa, todo mundo estava assistindo àquele momento histórico na TV. Todo ano quando fala que faz aniversário do dia em que o homem chegou à Lua eu me lembro que foi o dia em que conheci Brasília”, relembra, saudosa. O encantamento foi completo e em 2 de fevereiro de 1980 Janete voltaria para fincar morada. Para ela, Brasília era o local da oportunidade, onde só havia espaço para crescimento e prosperidade. **“Qualquer negócio que abrisse em Brasília dava certo. Para nós deu certo como deu para todo mundo que confiou em Brasília. Nossa gratidão é grande e nossa confiança foi grande”**, comemora, Janete, antes de observar que o Sabin é o único laboratório de análises clínicas que, apesar das adversidades, persistiu e permanece aberto desde a sua data de fundação, em 1984.

Os demais, muitos criados até mesmo próximos à inauguração de Brasília, sofreram o baque da instabilidade econômica e fecharam

BSB60 - Brasília e seus Pioneiros





suas portas. Na primeira unidade do Sabin, inaugurada há 35 anos no Edifício de Clínicas, na Asa Norte, havia uma equipe enxuta, formada pelas duas bioquímicas, mais um coletor, uma recepcionista e uma faxineira. Foi ali que chegou Glória, a primeira cliente atendida na clínica, já indicando os bons ventos que viriam a seguir.

Com um forte espírito de liderança, Janete é uma das personalidades empresariais mais requisitadas para dividir sua história em conferências de negócios e palestras sobre empreendedorismo. É nesses espaços que compartilha com os ouvintes dicas preciosas sobre administração e gestão. “O segredo do sucesso é você

ter foco, responsabilidade e buscar conhecimento. Se você estiver o tempo todo estudando, vai longe”, afirma a empresária que aliou-se a outras empresas para buscar tudo que há de mais moderno em medicina diagnóstica.

“Nós estamos vivendo um período ímpar, que é a longevidade. Ela vem por consequência de uma série de mudanças. A saúde está se reestruturando e o modelo de negócio também, mas nós estamos acompanhando”, observa. E completa: “É muita paixão, garra, determinação, vontade de fazer acontecer e a certeza que estamos trilhando um caminho correto, que é o que dá o resultado”.



O caráter empreendedor de Janete foi moldado pelo pai, mas há outras referências que não saem da cabeça da empresária goiana. “No meu conceito, Juscelino Kubitschek é o maior visionário que Brasília já teve, e que o Brasil tem, porque fazer o que ele fez não é fácil. Sonhar a partir do nada é o que o empreendedor faz. Você não receber uma herança e construir uma história a partir de um conhecimento que adquiriu, não é fácil, mas é possível ser vitorioso”, enfatiza Janete, que se orgulha do seu espírito pioneiro. “Ninguém herdou nada aqui em Brasília. Nós somos os primeiros, somos vanguardistas, somos pioneiros. Não é fácil chegar com coragem e começar, mas Juscelino fez isso mesmo. Ele chegou aqui,

pegou um campo aberto e sonhou”, reflete, com os seus olhos que brilham encantados. Falar em sonho é mexer em uma área sensível de Janete. Sonhadora, a goiana acredita que mora aí um dos seus maiores triunfos: alguém que nunca deixou de sonhar. Como ela própria diz, sonhar muito ou sonhar pouco dá o mesmo trabalho, então não há motivos para economizar nos planos e projetos. Para os três filhos e quatro netos sonha com um país melhor, com menos violência e mais preocupação com o meio-ambiente. Mas um desses sonhos ela já vem realizando: ver os filhos seguindo seus próprios passos, como gestores de suas carreiras e vidas. ↗





**Sem medo
de inovar**

Osório Adriano Filho

Nos corredores da sede do grupo Brasal, no Setor de Indústrias e Abastecimento, o lema “A gente vai lá e faz” está impresso nas paredes e presente nos mínimos detalhes. “Ir lá e fazer” não poderia ser mais apropriado para uma figura como Osório Adriano Filho, mineiro de Uberaba, fundador da Brasal. Criado em 1963, o grupo se tornou referência em empreendedorismo no Distrito Federal, antes mesmo desse termo ser conhecido e usual.

Pioneiro reconhecido pelo olhar atento para diferentes oportunidades de negócio, Osório Adriano Filho



soube como aproveitar as chances que a vida lhe deu. Antes de sonhar em se mudar para Brasília, saiu de Uberaba, cidade onde nasceu em 10 de julho de 1929, para estudar Engenharia no Rio de Janeiro. Motivado por Fabiano Cunha Campos, seu amigo de fé que futuramente viria a se tornar seu sócio, Osório concluiu a graduação em Engenharia Civil em Miami, onde conheceu um grupo de norte-americanos que mudou seu caminho. Para os membros da Raymond Concrete Pile, Osório era o que lhes faltava: um brasileiro que falava inglês e tinha se formado nos Estados Unidos. Esse acúmulo de qualidades rendeu o convite inesperado para ajudar na construção de Brasília. A firma seria responsável por duas empreitadas. Inicialmente, faria a estrutura dos 11 ministérios que iriam compor a Esplanada dos Ministérios. O passo seguinte seria a construção da Barragem do Paranoá.

Mas não foi tão fácil como parece convencer o engenheiro recém-formado a se aventurar pelos rincões do Brasil. Aproveitar as belezas cariocas, a efervescente cidade de São Paulo ou as chances de emprego que Miami lhe trouxera eram propostas tentadoras demais para

aquele jovem mineiro. O convencimento veio com um estímulo financeiro e o primeiro passo de Osório em terras goianas, em meados de outubro de 1957, foi montar o Acampamento da Planalto, onde os novos funcionários iriam se alojar para iniciar a construção dos ministérios.

Alguns anos depois, terminado o trabalho com os norte-americanos, veio uma nova dúvida: acompanhá-los ou não no novo projeto da empresa? “Eles me convidaram para uma nova empreitada, dessa vez no Egito. Mas eu já me sentia forte o bastante para tocar a minha própria empresa”, recorda-se Osório. A esta altura, o engenheiro já havia convidado Fabiano Cunha Campos para se juntar a ele na construção de Brasília e o convidou para ser seu sócio em uma construtora.

O desejo dos dois era o de dar continuidade aos trabalhos da firma americana e finalizar as obras da Esplanada, concretar os prédios, fazer as garagens e tudo mais que fosse necessário para transformar as avenidas S1 e N1 em dois

símbolos da paisagem brasiliense. Em 90 dias de empresa, a dupla já comandava 1.500 operários. **“Pegamos ainda quase um ano de construção. Trabalhávamos até meia noite todos os dias. Era uma loucura. Tudo pensando na inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960. Em 1959, o tempo era exíguo. Aqui só existia a esperança de construir o grande sonho brasileiro que era o de ter uma capital no interior. Nós estávamos acreditando nesse sonho”.**

O casamento com Sílvia Rita Naves em 28 de abril de 1962 consolidou o desejo de ficar de vez na capital e de formar uma família. Osório casou-se em Uberaba e trouxe a esposa para Brasília, onde viu a casa localizada na 706 Sul ganhar novos integrantes. Vieram os filhos Osório Neto, Fernando e Maria Teresa que, futuramente, lhes trouxeram nove netos, os xodós do avô atento e cuidadoso. “Por amor à Brasília acabei me tornando deputado federal. Foram quase 20 anos





defendendo a cidade. Para mim é um orgulho muito grande ter vindo para Brasília porque aqui eu constituí uma vida, uma família, ajudei meu país. Pouca gente tem essa oportunidade de viver o que nós pioneiros vivemos. Isso que é o nosso orgulho”, emociona-se.

Visionário, Osório sempre acreditou no futuro de Brasília, até mesmo em cenários não tão otimistas, como quando instalou a Brasal no Setor de Indústrias e Abastecimento. Em 1963 a região era formada por um enorme matagal e muitos funcionários temiam que o local não se desenvolvesse. Mas Osório permanecia firme na sua fé de que, aos poucos, outras empresas se instalariam por ali também. Dito e feito. “Quem admitiria que em um tempo tão curto surgiria aqui no interior do país uma cidade que trouxe o progresso não só para Brasília, mas para a toda a região? A redenção do país foi Brasília. Não sei se essa união que existe no Brasil persistiria. Eu sou fã do Juscelino, mas quem o ajudou foram os pioneiros. Se nós não tivéssemos vindo para cá com boa vontade e acreditando naquilo que ele pregava, seria? A cidade cresceu e muitos cresceram conosco”, comemora o empresário.

Encarar as dificuldades como mais uma oportunidade de ampliar os horizontes fez de Osório Adriano um camaleão capaz de se adaptar à qualquer realidade. Quando a barra pesou, durante o governo de Jango Goulart, a construção civil não vivia o seu melhor momento. Então, Osório buscou uma saída. Ao observar as pessoas que chegavam à Brasília do Rio e de São Paulo em busca de táxi no aeroporto pensou, então, que seria uma boa ideia abrir uma locadora de veículos. Com escritório instalado no Núcleo Bandeirante e ponto de locação no aeroporto, o plano saiu do papel e deu tão certo que ele mal dava conta da demanda. A aproximação com a Volkswagen levou ao passo seguinte: vender carros. Osório se considera alguém que soube abraçar as oportunidades que a vida lhe trouxe. “Hoje temos cerca de oito representações de automóveis. No caminho, apareceu a oportunidade de abrir uma fábrica da Coca-Cola e eu topei o trabalho. Muitos foram embora de Brasília, mas aqueles que aqui permaneceram e trabalharam com afinco tiveram sucesso”, celebra.

Durante nove décadas de vida, Osório Adriano Filho viu Brasília crescer, se expandir e se tornar a terceira


cidade do país. Ainda hoje frequentador assíduo da sede da Brasal, o empresário fez do escritório uma extensão da sua casa, com diplomas nas paredes e fotos dos filhos e netos por todos os cantos da sala. À vontade naquele lugar que lhe deu tantos frutos, o empresário vai diariamente à empresa observar o filho, Osório Neto, em ação. Dono de uma vitalidade invejável, Osório pratica exercícios regularmente com a ajuda de uma fisioterapeuta e ocupa o seu tempo livre com a esposa, filho e netos, ora nos almoços de domingo em família, ora nos momentos de descanso na fazenda ou no apartamento que mantém em Miami.

O olhar atento e observador segue forte e sagaz. Questionado sobre qual seria o melhor conselho para quem busca empreender em Brasília nos dias atuais, é direto: “Uma preocupação minha sempre foi não fazer dívidas. E eu digo isso a vocês: vá devagar, não faça dívidas, não queira crescer mais do que suas possibilidades. O tempo nos ajuda. Você começa pequeno, vai indo, todo ano um pouco. Eu tenho 62 anos de Brasília, que estou aqui, lutando, trabalhando. Eu hoje diria que você arranjar um bom emprego até que as coisas se abram



para você poder escolher qual é o melhor caminho. Mas fique sempre alerta porque as oportunidades aparecem. Apareceu para mim, aparece para todos. Você não pode é desistir. O princípio de tudo é o trabalho. Eu tenho muita fé no nosso país”, aconselha o esperançoso pioneiro. ➔





**Alma de
pioneiro**

Paulo Octávio

Paulo Octávio não se considera um pioneiro de fato. Prefere atribuir o título aos pais, Cléo Octávio e Vilma Pereira, que deixaram uma vida confortável em Lavras, no sul de Minas Gerais, rumo à nova capital federal. Mas ao percorrer as ruas e avenidas do Plano Piloto e do Entorno, não há como não observar a extensa contribuição do empresário mineiro na construção civil da cidade e não conferir a ele o mérito de pioneiro. A afeição de Paulo por Brasília começou ainda pequeno, por volta dos 8 anos de idade, ao admirar os recortes de jornal que o pai colecionava com novidades sobre a nova capital. A primeira missa, a primeira avenida,



tudo era motivo de curiosidade e encantamento por parte de Cléo, que nessa época já era um dentista renomado em Lavras, quando decidiu se instalar de mala e cuia em solo brasiliense, em 1962.

Com 12 anos de idade, Paulo Octávio quase não acreditou no que viu quando o carro da família cruzou os limites que circundam o Distrito Federal: era julho, o céu estava esplendoroso como de costume, e o jovem rapaz se impressionou com a imensidão de horizonte que sua nova terra apresentava aos seus olhos miúdos.

Enquanto o pai consolidava sua cartela de clientes em seu consultório odontológico instalado no Edifício JK, no Setor Comercial Sul, Paulo crescia por entre os prédios da 106 Sul, com os colegas que tinham uma trajetória semelhante: pais que haviam sido transferidos de suas funções em outros estados ou que estavam na capital para tentar a sorte. Aluno do colégio Caseb, na Asa Sul, logo Paulo se inquietou e aos 15 anos deu seus primeiros passos rumo às vendas. Começou vendendo GBOEX, um pecúlio militar do Grêmio de Oficiais do Exército que estava sendo oferecido por um vizinho. Seus clientes eram os amigos dos seus pais e os professores

da escola. “Quando eu não tinha aula, pegava minha pastinha e ia aos consultórios de médicos, dentistas e advogados que eram amigos do meu pai e assim fui aprendendo um pouco a arte de vender”, lembra Paulo, que aos 69 anos de idade orgulha-se de trabalhar há 54 anos, sem pretensão alguma de aposentar.

Estudante de Economia na Universidade de Brasília (UnB), e posteriormente de Direito no Centro Universitário de Brasília (UniCeub), Paulo Octávio seguiu sua carreira como vendedor de seguros e foi para a Bolsa de Valores. Mas descobriu sua verdadeira vocação no ramo imobiliário. Após se destacar no lançamento de imóveis para outras empresas, decidiu abrir seu próprio empreendimento, a Paulo Octavio Investimentos Imobiliários, fundada em 1975, quando Paulo tinha apenas 25 anos de idade.

Foi quando a vida do empresário deu uma guinada. Com apenas quatro funcionários, abriu seu escritório na Asa Norte, região que começava a dar os primeiros passos e já fazia brilhar os olhos de Paulo, tornando o bairro um dos seus maiores mercados de construção e venda. “Fomos pioneiros em Taguatinga, Ceilândia,

Gama, Sobradinho e fizemos lançamentos em quase todas as cidades do DF. Lançamos o primeiro apart hotel de Brasília, apresentamos novas ideias para o mercado imobiliário e tínhamos o apoio de muitas empresas e construtoras, que gostavam de comercializar seus produtos pela Paulo Octávio”, recorda-se o empresário.

Visionário, Paulo acreditou em endereços até então desertos e inexplorados para dar seguimento ao projeto de construção da capital de Juscelino Kubitschek. “Eu digo sempre que Brasília é a maior epopéia do século passado. Não existe no Brasil uma história de tanto orgulho ao povo brasileiro como foi Brasília. As pessoas vieram com desprendimento, com vontade de trabalhar, com vontade de ajudar. Então, o começo, principalmente daqueles pioneiros que chegaram aqui ainda na construção, é muito bonito. Foi um momento muito rico da história política, social e do desenvolvimento do Brasil”, relembra o empresário, que trouxe para si uma característica marcante de JK, de ser um homem com metas a traçar e principalmente a cumprir.

“Sempre fui inspirado por metas na vida. Metas de trabalho, metas na empresa, metas na política e acho





que isso que deve ser uma inspiração para todos os empresários”, reitera o empresário que aventurou-se na política incentivado pelo amigo Joaquim Roriz, chegando a ocupar o posto de deputado federal por duas vezes, de senador, vice-governador, e teve uma atuação marcante para a vinda dos Jogos Olímpicos para Brasília em 2000, criando uma campanha grandiosa que resultou em um legado importante para o esporte brasileiro.

A trajetória política de Paulo Octávio deu a ele uma experiência até então inédita: o corpo a corpo com os cidadãos do Distrito Federal. “Eu conheci o DF todo. Cada dia estava em um lugar diferente, conversando, almoçando com pessoas que eu nunca tinha visto, conhecendo gente nova, anotando os problemas das pessoas mais carentes. Foi bastante enriquecedor, mudou meu jeito de ser. Aprendi na política a ter humildade, a ver que as questões que às vezes achamos importantes na vida empresarial são pequenas perto de tantas outras questões que as pessoas vivem. Então, você passa a viver e a sentir outro mundo”, emocionou-se Paulo ao se reafirmar como um homem otimista que crê com paixão no futuro de Brasília e do Brasil.

“O que me move é acreditar nesse potencial de oportunidades que só o Brasil oferece. Acreditar que haverá pessoas com poder aquisitivo, com renda e essas cidades merecem desenvolvimento. Quando você faz um empreendimento em uma cidade fora do Plano Piloto, você leva desenvolvimento, leva riquezas, constrói moradias”, reitera.

De uma construtora que acumula números impressionantes, com mais de 4 milhões de m² construídos, 52 mil imóveis entregues, 717 obras edificadas e geração de 21,5 mil empregos diretos, terceirizados e indiretos, a marca que leva o nome do empresário tornou-se um grupo que atualmente abriga 20 empresas das mais diversas áreas, como concessionárias de veículos, rádios AM e FM, hotéis, shoppings, canal de televisão e corretora de seguros. Durante esses 44 anos de Paulo Octávio pessoa jurídica foram mais de 50 mil carteiras de trabalho assinadas, o que já gerou ao grupo o reconhecimento pela Federação das Indústrias do Distrito Federal (Fibra) como o maior empregador da região. “Sempre digo: o Pelé fez mil gols, o Romário fez mil gols. Quero ver se

viverei para chegar ao empreendimento número mil”, celebra o empresário, que dá a JK o mérito de principal empresário que já pisou em terras brasilienses.

“Quando se fala em empreendedorismo em Brasília, sempre ressalto que o maior empreendedor que o Brasil teve foi JK, porque foi o homem que ao ser presidente soube desenvolver o Brasil de uma forma extraordinária, em todos os setores. Um homem que desenvolveu a Amazônia com o Sudam, o Nordeste com o Sudene. Fez mais rodovias e ferrovias que qualquer outro presidente”, enumera Paulo Octávio, que tem como uma honra ser pai dos primeiros Kubitscheks nascidos em Brasília. Casado com Anna Christina, neta de Juscelino e filha da Márcia Kubitschek, Paulo é vice-presidente do Memorial JK onde atua com a esposa para preservar a memória e o legado de Juscelino.

Pai de quatro filhos, sendo dois com Anna Christina, Paulo Octávio costuma afirmar que ao se casar assumiu também uma responsabilidade com Brasília. “Uma responsabilidade de fazer com que a cidade cresça, se desenvolva. Que aqueles predicados que

Brasília teve, como boa educação, boa saúde, que já tivemos, não se percam. Os planos de Brasília, a UnB, o traçado arquitetônico, a cidade tombada, tudo isso seja mantido e respeitado. Não podemos desrespeitar os conceitos dos fundadores, criadores, artistas, que fizeram essa cidade. Pelo contrário, precisamos cultuá-los para que eles possam ser lembrados para sempre. Daqui a mil anos, essa epopéia da construção de Brasília, todos os figurantes que participaram dessa epopéia - alguns com mais intensidade, outros com menos intensidade - todos serão reverenciados. Não é uma história que será esquecida”, aposta o visionário mineiro, certo de que o vasto horizonte que o encantou aos 12 anos quando pisou em Brasília pela primeira vez seguirá movendo paixões e histórias, como a construída por ele nos últimos 57 anos. [➤](#)





**A importância que
os sonhos têm**

Roberto Curi

Dono da única loja de pneus que segue ativa desde a inauguração de Brasília, em 1960, Roberto Curi criou seu império fortalecido por uma família dedicada e unida. Ao lado da esposa, Yara Curi, construiu uma trajetória de sucesso, marcada por conquistas que ultrapassaram a fronteira do DF, com inaugurações de lojas de pneus e automóveis em outros estados brasileiros.

Nascido em 7 de outubro de 1932, em São Paulo, Curi teve uma infância modesta, em que a palavra de ordem era educação. De origem libanesa, costuma dizer que nasceu vendedor. A vida profissional começou aos 18



anos, quando pegava papel jornal nas repartições e depois vendia para açougues. A reviravolta veio quando seu trabalho como representante comercial de marcas como a Nestlé, e posteriormente Goodyear, o fizeram percorrer o Brasil, especialmente um canto que andava um pouco esquecido no mapa: Goiás e Triângulo Mineiro. Foram nessas andanças que o jovem ouviu falar de Brasília pela primeira vez. “Eu estava em Anápolis quando chegaram os primeiros topógrafos para fazer o levantamento da área”, lembra.

À frente da Goodyear para vender pneus na região, viu no mercado local um ótimo campo e decidiu mudar-se de vez em 1962. A oportunidade de dar início ao seu próprio negócio surgiu alguns anos depois, com a fundação da Curinga dos Pneus, em junho de 1967.

Com a oferta de venda de pneus e de serviços de montagem e balanceamento, a abertura se deu em um prédio alugado na 503 Sul, propriedade de Euclides Aranha Neto, filho do emblemático diplomata Osvaldo Aranha. O negócio expandiu rapidamente e a marca de pneus mais conhecida dos brasilienses chegou a ter 51 filiais em vários estados brasileiros, como Goiás, Maranhão, Minas Gerais e Pará.

Quando chegou em Brasília, Curi não tinha a noção dos contornos que a nova capital ganharia. “Não tínhamos essa concepção. A vida naquela época era bem diferente do que é hoje. Não tinha tanta comunicação, as pessoas eram pouco informadas. Se via todo o movimento, a poeira, caminhões transitando para cima e para baixo. A velocidade era muito maior do que geralmente é em uma construção. E nós participávamos desse movimento, porque meu negócio





BSB60 - Brasília e seus Pioneiros

era chegar, vender o máximo que pudesse, para voltar e entregar”, relembra o paulistano que tem como uma forte memória daquele período sua presença na primeira missa realizada em Brasília, no dia 3 de maio de 1957, no Cruzeiro, ao lado do também empresário José Abdala. “Viemos assistir à missa no primeiro dia. Depois, eu comecei a vir aqui todo mês vendendo pneu para as frotas todas, que consumiam muito”.

Ao lado dos pioneiros que trabalharam na construção de Brasília, Curi viu na criação da nova capital uma oportunidade de melhorar de vida. Ao relembrar dos tempos difíceis de desconforto e incertezas, não esquece dos candangos, pessoas valiosas que se sacrificaram para poder concretizar os planos de Juscelino Kubitschek. Admirador da trajetória do ex-presidente, Roberto Curi acredita que Juscelino era uma pessoa predestinada. **“JK já veio com a missão especial de fazer o que fez. Brasília não é a capital do país, Brasília é o centro de desenvolvimento do país, é muito mais do que uma capital. O Brasil todo está crescendo às custas de Brasília. A indústria em São Paulo cresceu porque todo o**






Centro-Oeste cresceu muito e em consequência disso o resto também cresceu”, analisa Curi.

O empresário soube aproveitar muito bem a evidência que Brasília teve para o mercado nacional. Ao solidificar a Curinga dos Pneus, fidelizou clientes que procuram pelos serviços da empresa há mais de 50 anos. Mas de lá pra cá, muita coisa mudou. Para se adaptar às mudanças no mercado, a cartela de serviços da marca ganhou mais opções. “A concorrência no passado não era tão nociva como é hoje. O ramo mudou demais, a indústria passou a vender diretamente para as grandes frotas e isso tirou muitos dos nossos clientes”, reflete o empresário, um especialista em analisar variações e buscar soluções.

Para quem quer dar os primeiros passos no ramo empresarial, Roberto Curi sugere cautela e organização. “A empresa é como se fosse um filho que você está criando. É bem interessante isso, porque você vê a história desde o início, as etapas são totalmente diferentes, os dias não são iguais. Você vai trabalhando, acontece de tudo, você vai ter que saber administrar o que é possível e o que não é”, aponta o administrador dono de um desejo oculto

que caminha bem distante dos pneus e veículos por onde circula diariamente. “Eu acho que se eu fosse bem mais novo e tivesse que fazer alguma coisa diferente, eu ia estudar para montar uma vinícola. Eu gosto de vinho, acho linda uma vinícola, mas fica para uma outra encarnação”, diverte-se o empresário, que sabe muito bem o valor que um sonho tem. ↗





Guardião da história local

Roosevelt Dias Beltrão

A memória de Brasília tem um guardião irretocável. Trata-se de Roosevelt Dias Beltrão, presidente do Clube dos Pioneiros, um defensor fiel de que todos os pioneiros sejam sempre devidamente valorizados e lembrados, tanto pela população, quanto pelo governo. Nascido em 29 de outubro de 1940, em São João del-Rei, Minas Gerais, Roosevelt começou a labutar ainda na adolescência e dedicou boa parte da sua carreira a trabalhar em bancos. Convidado por dois irmãos que já tinham se instalado em Brasília, mudou-se para a cidade em 1959 e trabalhou para o Banco da Lavoura até 1962. Pela sua ligação com o banco, encontrou



abrigo em um alojamento da empresa na Avenida Central da Cidade Livre. Diminuta, sua cama não tinha tamanho suficiente para que repousasse todo o corpo - só ia até o meio das pernas - mas o desconforto não desanimava em nada o empolgado jovem.

Focado no trabalho, o bancário dividia sua rotina entre o expediente na agência com outros negócios. Roosevelt abriu o primeiro supermercado de Brasília, na CNB 1 de Taguatinga, e foi responsável ainda pelo primeiro laboratório farmacêutico da capital. No banco fazia a cobrança dos lotes vendidos pela Novacap e emitia os boletos. Na época tudo era feito à mão. “Passávamos a noite fazendo remessa, Brasília foi vendida para o mundo inteiro. Tinha compradores dos Estados Unidos, da Europa, de todo lado”, destaca Roosevelt, que se lembra ainda de como era calma e segura a Brasília daqueles tempos. “Aqui tinha muito dinheiro, de vez em quando a gente pegava uma, duas, dez malas de dinheiro e levava para Belo Horizonte. Não tinha assaltante, o carro fica aberto”, lembra.

Em 1968, quando Roosevelt deixou o Banco Hipotecário, recebeu um convite para integrar a equipe da Imobiliária

Nova York, grupo que lançou o Conjunto Nacional. Dividida em partes, a inauguração do shopping aconteceu paulatinamente. O país ainda engatinhava nesse ramo e só havia um outro exemplar no país, o shopping Iguatemi, em São Paulo. A primeira etapa do Conjunto Nacional foi inaugurada em novembro de 1971 e teve como âncora o extinto Jumbo, hoje Pão de Açúcar. A segunda etapa chamou atenção para a chegada das Lojas Brasileiras e, a terceira, para a vinda da Sears. “Foi um sucesso. O Conjunto era o shopping que mais vendia por metro quadrado e até hoje ele tem o seu lugar na história de Brasília”, comemora Beltrão.

Fundado em 1974 por Juscelino Kubitschek, o Clube dos Pioneiros surgiu para ser um bastião da memória daqueles que dedicaram suas vidas para o nascimento da nova capital. Na presidência do Clube, Roosevelt faz questão de ressaltar a importância do ex-presidente para a história do Clube e da cidade. “Foi ele quem nos incentivou a criar o Clube dos Pioneiros. Se não fossem os pioneiros, não existiria Brasília”, observa. Juscelino é tão importante para a instituição, que o dia de seu nascimento, 12 de setembro, foi instituído na década



BSB60 - Brasília e seus Pioneiros





de 1980 como o Dia do Pioneiro. “O Brasil deve muito a Juscelino. Ele transformou o Planalto Central em um polo irradiador de progresso para Minas Gerais, para o Goiás e para o Nordeste”, ressalta. Juscelino era visto com frequência por Roosevelt percorrendo a cidade. Segundo o pioneiro, o presidente fiscalizava as obras pessoalmente, e passava visitando tudo de madrugada, com terno, gravata e lençinho no bolso. “Acho que ele não dormia. Ele era um incentivo para todos. Era mais um trabalhando para que Brasília fosse inaugurada no prazo determinado de mil dias”, relembra Beltrão.

Na ausência de um endereço fixo onde possam se reunir, os pioneiros do clube geralmente costumam se encontrar no late Clube. Há um terreno no Setor de Clubes Esportivos Norte dedicado ao clube, mas enquanto a escritura definitiva não vem, ainda não é possível fazer nenhum tipo de construção. “Sonho com um documento robusto para que possamos construir a nossa sede”, desabafa Roosevelt, que cobra dos governantes um olhar atencioso para o clube.

Pai de dois filhos, o pioneiro orgulha-se de que suas crias também vistam a camisa do pioneirismo. **“Eu me sinto feliz em ver Brasília do jeito que está hoje, embora eu tenha saudades do passado. É um crescimento que nos dá orgulho e alegria. Ter participado do início e ver Brasília no ponto que está hoje”**, celebra. Para ele, Juscelino Kubitschek foi um homem de sorte por ter ao seu lado uma equipe extremamente competente, com nomes como Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Israel Pinheiro. “O pé de valsa tinha muita sorte, só arrumou gente boa e a razão do sucesso de Brasília foi essa: o pessoal que integrou o governo do Juscelino”, comenta Roosevelt, que se recorda de certa vez ter ouvido de que Juscelino Kubitschek, ao sobrevoar Brasília em 1962, teria olhado para baixo e dito “Meu Deus, se não fosse o Israel eu não teria conseguido construir Brasília”.

A lembrança se mescla às muitas outras construídas com a capital. Para que nada disso se vá, o Clube dos Pioneiros segue firme e forte nessa missão. “O Clube preocupa-se em preservar a história, preservar os bons momentos e preservar a memória daqueles que fizeram a cidade. Essa é a nossa grande tarefa”, crava Roosevelt, homem que dedica sua vida a honrar cada integrante dessa linda história chamada Brasília. ➔





**História
viva da
arquitetura
e da
política
local**

Salviano Antônio Guimarães Borges

Salviano Antônio Guimarães Borges é dotado de uma memória tão brilhante quanto a sua criatividade. O arquiteto que integrou a equipe de Oscar Niemeyer domina a narrativa da história de Brasília de forma notável e é capaz de detalhar situações com perfeição, sempre amparado por fatos marcantes, nomes de figuras importantes e todas as molduras que forem necessárias para narrar uma trajetória tão rica quanto a dele próprio, um bravo goiano de coração planaltinense.

Primeiro distrital eleito para presidir a Câmara Legislativa do Distrito Federal, o arquiteto herdou os



nomes dos dois avôs, o materno (Salviano) e o paterno (Antônio). Natural de Goiânia, nasceu no ano de 1943 e foi batizado no emblemático Morro da Capelinha, em Planaltina, em 8 de agosto de 1943. Filho da uma planaltinense que até cogitou virar freira, e de um caixeiro viajante mineiro, Salviano é fruto dessa união que se instalou em Brasília em 1957, quando seu pai decidiu abrir uma empresa de revenda de fios e de tintas no Núcleo Bandeirante.

Mas o contato de Salviano com a nova capital é bem anterior aos últimos anos que antecederam a inauguração de Brasília. Acostumado a passar as férias escolares em Planaltina, aproveitava a temporada para andar a cavalo pela imensidão do cerrado, onde hoje se localiza o Plano Piloto. “Planaltina, do ponto de vista da importância da mudança da capital e histórico, acabou sendo um ponto de referência das missões e das comissões que vieram aqui para demarcar

a capital”, pontua Salviano, que domina tão bem a história de Brasília, que é capaz de narrar ponto a ponto a ida de Louis Cruls a Planaltina, assim como a vinda do general Djalma Polli Coelho à região que abrigaria Brasília para certificar o governo de que aquelas terras teriam todas as características necessárias para o surgimento de uma cidade: potencial de água suficiente para abastecer uma população, capacidade de produção de alimentos e de geração de energia.

Imerso na atmosfera da construção da capital, o curso de Arquitetura na Universidade de Brasília chegou naturalmente na vida de Salviano, que teve uma oportunidade ímpar: “Eu tive um curso de Arquitetura diferenciado, porque ele foi em cima de um canteiro de obras. Primeiro o canteiro de obras da própria universidade, depois o canteiro de obras do Plano Piloto e com isso a minha turma, os meus colegas, nós tivemos a felicidade de ter os melhores professores de arquitetura do Brasil, porque eles estavam aqui construindo a cidade”, comemora Salviano. Enquanto estudante, teve aula com Athos Bulcão e Glênio Bianchetti, além de Oscar Niemeyer, que foi também o seu primeiro

empregador. Com Niemeyer, Salviano trabalhava detalhando suas obras e chegou a acompanhá-lo em missões fora do país, como quando foram para a Argélia concluir a Universidade de Constantine. “O Oscar era antes de tudo humanista, ele era uma pessoa de um coração enorme, que não sabia dizer não a ninguém, que repartia os seus projetos com seus colaboradores”, relembra. Saudoso, o goiano desfaz o imaginário de que Oscar seria um profissional só ligado à estética e à beleza de suas obras. “Ele tinha uma noção exata do processo construtivo, da Engenharia. Uma capacidade de criação dentro de uma lógica construtiva muito apurada e eu sou um privilegiado por ter vivido tudo isso”.

A carreira política de Salviano Guimarães começou ainda na universidade, após a ditadura militar, período que lhe acendeu um enorme espírito contestador de luta em prol da liberdade e da democracia. De líder estudantil passou a administrador de Planaltina, eleito durante o governo do presidente João Figueiredo. Após seis anos e meio na função, orgulha-se de ter levado rede de esgoto à cidade e conseqüentemente ter contribuído com a diminuição do índice de mortalidade. Sua experiência





como administrador o levou a ser deputado distrital em 1991 e o responsável pela criação da Câmara Legislativa do Distrito Federal. “Fui o primeiro presidente da Câmara, então instalei tudo do zero. Escolhemos a sede, fizemos as compras e nomeei os primeiros concursados”, observa o arquiteto que abandonou a vida política após se decepcionar com o processo eleitoral que, ao seu ver, precisa ser inteiramente reformulado.

Zeloso com as mudanças ocorridas em Brasília com o passar dos anos, Salviano observa como o crescimento desordenado e a falta de uma atenção mais cuidadosa com a mobilidade urbana impedem a capital prosperar de uma forma mais igualitária. “O Lúcio Costa era o sujeito mais lúcido que eu conheci do ponto de vista de gestão de cidade, de crescimento da cidade. Tão lúcido que quando Brasília precisou de espaço ele veio aqui e fez um projeto chamado Brasília Revisitada, no qual criou o Sudoeste, o Noroeste, e deu as diretrizes”, afirma o arquiteto que nutre uma admiração profunda pela cidade. “Brasília surgiu em um determinado tempo-espaço na história em que as forças de inteligência desse país convergiram para um único objetivo.

Juscelino estava na sua idade plena na vida política, já com experiência, prefeito, governador e tal. Você tem um Lúcio Costa extremamente amadurecido e conhecedor do urbanismo, Oscar já com obras em vários locais, inclusive o projeto da ONU em Nova Iorque. Estava no auge da sua criatividade como arquiteto. Você junta um sujeito rigoroso, até duro, Israel Pinheiro. Então, essas pessoas se uniram para construir uma cidade com desapego. Eles construíram por idealismo, amor e tudo que você faz com amor e com idealismo dá bons frutos”, considera.

Um líder considerado por Salviano como alguém “inquebrantável”, Juscelino foi uma figura determinada, dono de uma habilidade pouco vista na história política nacional. **“Juscelino usa a construção de Brasília com uma obra da brasilidade, uma obra para os brasileiros, uma obra de afirmação de um povo. Não se fez nenhuma construção de nenhuma cidade no mundo que ultrapassasse os princípios e a força do Plano Piloto do Lúcio Costa, nada foi feito no mundo igual a Brasília. Ela é incomparável, então isso dá para gente um orgulho muito grande de**

estar vivendo em uma cidade única”, diz Salviano, que, de tão engajado pela cidade carrega em seu currículo ainda a instalação da Agência Reguladora de Águas, Energia e Saneamento do Distrito Federal (Adasa) e a criação da Floresta Nacional de Brasília, com nove mil hectares de floresta para preservação dos aquíferos do Distrito Federal. ➤



Protagonismo feminino



Sandra Costa

Sandra Costa divide com Janete Vaz muito mais do que uma empresa. O Sabin, marca reconhecida internacionalmente pela soma de qualidade e inovação, vai além de um negócio. É uma empresa erguida tijolo por tijolo com muito afeto, companheirismo e trabalho árduo, em uma luta incansável das duas em busca de uma marca que reunisse valores que ambas herdaram de suas famílias: credibilidade, ética, qualidade e cuidado com o ser humano.



Nascida em Inhapim, Minas Gerais, Sandra Costa teve na mãe costureira sua grande inspiração de uma bem-sucedida mulher de negócios, empreendedora que cresceu e passou a dominar o mercado de moda local. O passo seguinte da família foi rumo à Belo Horizonte, cidade onde Sandra se formou em Farmácia e Bioquímica, e onde conheceu o marido, a pessoa responsável pelas idas frequentes do casal à Brasília, o que, naturalmente, culminou no convite para uma mudança definitiva em 1979.

“Quarenta anos atrás, Brasília era uma cidade que realmente estava começando, cheia de oportunidades. Aqui, fui muito bem acolhida. Brasília mudou a minha vida e continua mudando a vida de muitos até hoje”, relembra Sandra, que confere à Brasília o título de cidade cosmopolita, capaz de unir pessoas de diferentes cidades, guiadas por esse horizonte de possibilidades, e de beleza, com um céu que ostenta uma beleza única. “Eu herdei dos meus pais algumas convicções da importância da educação, do valor do conhecimento e eu vi o quanto isso em Brasília era valorizado”, recorda Sandra.

Foi em Brasília que Sandra conheceu Janete Vaz, com quem compartilhava a bancada de um laboratório assim que chegou na capital. Janete estava em busca de alguém que pudesse dividir com ela a sociedade em um novo negócio, enquanto Sandra tinha um emprego de meio período na extinta Fundação Hospitalar e acabara de abrir uma farmácia com os cunhados. Não demorou muito para Sandra cair nos encantos de Janete e a dupla dar o primeiro passo para o nascimento do laboratório de análises clínicas Sabin, em 1984.

Movida por uma enorme curiosidade e principalmente pela paixão em aprender, Sandra buscou nas brechas um nicho de mercado. Ao ver que vários laboratórios não faziam determinados exames, decidiu investir em inovação e apresentar soluções para o mercado. Cuidadasas com as necessidades da classe médica, dos pacientes e dos convênios, não demorou muito para o Sabin conquistar a confiança dos brasilienses. Como o negócio surgiu no início dos anos 1980, quando a informática começava a dar passos tímidos, mas um pouco mais largos, a dupla ficou atenta para as soluções de softwares de atendimento, o que



BSB60 - Brasília e seus Pioneiros





garantiu mais um campo de inovação que possibilitou que o Sabin estivesse à frente da concorrência.

Mais do que só inovação, o Sabin ganhou o mercado pelos valores que combinam responsabilidade socioambiental, pesquisas técnico-científicas, ética, qualidade, credibilidade, confiança, respeito à vida e simplicidade. “O Sabin é uma alma coletiva de propósitos, filosofia e valores. Não é só o olho no microscópio, mas é o olho no olho do paciente, no olho das pessoas. É um atendimento humanizado em todos os sentidos”, pondera Sandra, que se recorda com carinho da primeira unidade no Edifício das Clínicas e atualmente contabiliza 106 filiais em Brasília e 280 no Brasil, com uma média de 17 mil pessoas atendidas por dia.

Na empresa formada por uma rede de colaboradores com um quadro 77% feminino, há um cuidado enorme com o bem-estar da equipe. “O nosso legado, meu e da Janete - e está no nosso DNA - é que desde o início entendemos que a mulher pode buscar o seu sonho, seja na maternidade,



na carreira, e tudo pode estar atrelado. Somos a única empresa que celebra gravidez. A mulher aqui pode realmente pensar no seu futuro, nos seus desafios, sendo mãe, tendo seus filhos, indo para a reunião da escola, e não é por isso que você vai deixar de ser uma executiva, vai deixar de ser uma líder”, enfatiza Sandra, ao reforçar que no quadro do Sabin 74% dos cargos de liderança são ocupados por mulheres.

As políticas de valorização do funcionário não param por aí. No Sabin há um formato de gestão compartilhada, na qual o supervisor ou o líder de cada unidade é tratado como dono por fazer parte da construção do planejamento estratégico. “Temos observado em pesquisas que muitas vezes o salário não está em primeiro lugar. As pessoas querem uma oportunidade de crescimento, para colocar suas ideias em prática, querem flexibilidade para fazer um mestrado, um doutorado, para empreender na sua carreira. Temos tudo isso aqui”, comemora.

Considerada uma visionária, pioneira como muitos brasileiros que somaram suas forças para a construção de Brasília, Sandra se sente orgulhosa pelo protagonismo

que ocupa na consolidação da história econômica e social do Distrito Federal. **“Brasília hoje tornou-se um polo de saúde, um hub que consegue unir o Norte ao Nordeste. Quando relembremos nossa história, ficamos muito felizes em ver tudo que construímos. Ver que crescemos sem perder nossa essência”**, avalia Sandra, que se orgulha de ser mineira, terra de Juscelino Kubitschek, a quem elenca uma série de qualidades que foram imprescindíveis para a história de Brasília e do Brasil. “Ele era um estadista, um visionário, um líder que realmente estava além do seu tempo”, aponta Sandra, que acredita ainda que o maior triunfo do ex-presidente foi mobilizar uma geração para acompanhá-lo na implementação do projeto de Brasília.

“Era além de Brasília, eu vejo que ele queria mais um projeto de país mesmo. Ele queria um Brasil moderno, industrializado, com uma cultura grandiosa, relevante”, observa, admirada, a empresária que, nos passos de Juscelino e tantos outros visionários, hoje exibe uma empresa com unidades em 50 cidades do Brasil, 11 estados, sendo 12 no Distrito Federal, e 5.500 colaboradores. ↗





**Brasiliense
de coração**

Simon Pitel

Nascido em Bruxelas, na Bélgica, em 14 de novembro de 1936, Simon Pitel costuma dizer que se pudesse escolher uma nacionalidade, seria brasileiro, tamanho seu amor e carinho pela capital federal. “Meu passaporte não seria brasileiro, ele seria brasileiro. Eu sempre falo que Brasília foi minha segunda mãe e Juscelino meu segundo pai”, celebra o proprietário do Roma, restaurante-ícone da capital.

O interesse de Pitel por Brasília surgiu sem que ele ao menos tivesse sido apresentado ao projeto da nova capital, liderado pelo presidente Juscelino Kubitscheck.



Após deixar Bruxelas por um desejo dos pais, em janeiro de 1958, Pitel embarcou no navio Louis Lumière no porto de Antuérpia e 17 dias depois chegou ao Rio de Janeiro, onde encontrou seu irmão, uma tia e um tio. Mas a temporada em terras cariocas durou pouco. Após se decepcionar com as oportunidades de emprego na Cidade Maravilhosa, Pitel quis voltar para casa. Quando já estava prestes a partir, teve um inusitado encontro com um romeno que o convenceu a ir para as terras que abrigariam a nova capital. Em 15 de abril de 1958, Pitel desembarcava em Brasília, surpreso com o ambiente típico de um faroeste que encontrou pelo caminho. “Quando cheguei no aeroporto fiquei espantado, era só poeira. A única pista de asfalto era a do aeroporto. Falei ‘eles são doidos, não existe fazer uma capital em quatro anos’. E fizeram”, relembra o empresário.

Pitel tem um dom natural para os negócios. Sem falar uma palavra em português, começou sua vida em terras candangas como camelô. Subia a manga da camisa e oferecia relógios nas ruas do Núcleo Bandeirante, que naquele momento ainda carregava o nome de Cidade Livre. Ele foi vendendo, vendendo e, embalado pela

prosperidade que rondava a cidade à época, juntou dinheiro e comprou o direito da loja nº 945 do Núcleo Bandeirante. “Quando Jânio Quadros assumiu, Brasília afundou financeiramente e eu afundei junto. Isso foi em 1961. Em 1962 eu me recuperei porque eu vesti toda a Rádio Patrulha de Brasília e comecei a fornecer roupa para o Governo Federal”. Foi quando surgiu o Roma que, antes de ir para as mãos de Pitel, pertencia a um italiano desde a data oficial de inauguração, em 15 de abril de 1960. No dia 30 de março de 1964, Pitel reabriu o restaurante oficialmente sob sua batuta.

O Roma cresceu, se tornou o rei dos restaurantes, e na década de 1970 ainda era uma das poucas opções gastronômicas da capital, tornando o local um point. Por lá passaram ministros, deputados, senadores, nomes de destaque na cidade, como Paulo Octávio, Fernando Henrique Cardoso, Delfim Netto e Ulysses Guimarães, fornecendo alimentação com frequência para o Palácio do Planalto e para o Palácio da Alvorada. “Se não passou pelo Roma, não viveu em Brasília nos anos 1970”, diverte-se Pitel ao





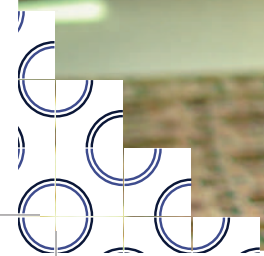
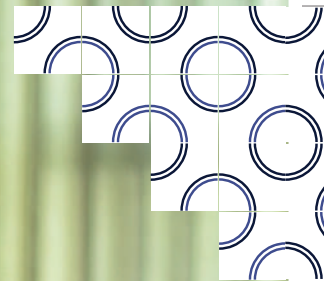
lembrar das noites memoráveis em que reunia boa parte dos pioneiros no seu movimentado salão.

Por ser um dos únicos restaurantes em uma cidade que ainda engatinhava, o Roma inicialmente funcionava como uma espécie de botequim, servindo café da manhã a partir das 7h, e até frango assado aos finais de semana. A partir da década de 1970, o restaurante teria a cara que o acompanha até hoje: um restaurante familiar frequentado por quatro gerações. “O meu maior orgulho é ver o domingo lotado, com lista de espera. Depois de 50 anos, ainda ter fila de espera aos domingos realmente é uma realização. Eu sinto que eu consegui realizar o Roma”, comemora Pitel, frisando que o diferencial do seu negócio é o respeito ao cliente. “O respeito ao freguês faz você sobreviver. Você não pode ser imediatista, tem que plantar e esperar para poder colher. E tem que regar. Ser comerciante não é ganhar na loteria. É um trabalho a longo prazo. Você na verdade quando é dono passa a ser o principal empregado da sua empresa”, afirma o empresário, que esbanja vitalidade aos 82 anos e segue à frente do Roma ao lado da filha e do genro.

Com funcionários com até 40 anos de casa, o Roma segue um clássico da capital, investindo sempre no preparo artesanal dos pratos do menu. Por ali não há micro-ondas, por exemplo, porque Pitel acredita que a industrialização da cozinha mais atrapalha do que ajuda. Famosa, a parmegiana da casa representa 50% das vendas e alimenta cerca de 180 pessoas em um dia cheio. Investir no ramo alimentício parece ter caído no colo de Pitel, que não sabe cozinhar, mas viu no negócio a oportunidade de prosperar na capital federal. Assim como outros pioneiros, o belga soube aproveitar a chance de começar uma nova vida em um local que estava surgindo do zero. “Era um tempo muito bom, muito humano, a gente se ajudava muito. As dificuldades juntam as pessoas”, recorda Pitel. **“Muitos pioneiros não estavam aqui por vocação, era por necessidade, a não ser os dirigentes. Juscelino era por vocação, Israel Pinheiro era por vocação. O resto veio por necessidade, por aventura, para fazer a vida, vencer”**, enfatiza o belga, que guarda no peito e na memória as marcas deixadas pelo Holocausto e orgulha-se de ser filho de poloneses sobreviventes dos campos de concentração. Brasiliense de coração, Pitel juntou suas recordações e construiu sua própria história fazendo de Brasília sua cidade natal, sempre com sorriso no rosto ao se lembrar do privilégio de ter visto uma capital nascer e crescer. ➤



Pão, pastel e disposição de sobra



Sebastião Gomes da Silva

Nonagenário, Tião Padeiro, como é conhecido Sebastião Gomes da Silva, é dotado de uma admirável lucidez sobre como as mudanças tecnológicas alteraram as relações trabalhistas, seus impactos e principais consequências. Com um espírito jovem e extremamente atento, orgulha-se de não ter uma mentalidade envelhecida, o que, segundo o empresário, afeta enormemente a forma como a política ainda é feita no Brasil.

Por essa visão aplicada à realidade, esse leitor voraz que um dia sonhou em ser ator consagrou-se em Brasília por vender o melhor pastel da cidade, iguaria que já



chegou a ser considerada uma comida tipicamente brasileira. O famoso Trio Viçosa - dois pastéis e um caldo de cana - alimentou muita gente que aguardava o transporte público na Rodoviária ou só passava por lá para mordiscar o salgado quentinho, saindo fumaça.

Nascido em 14 de abril de 1929 em Barra Longa, Minas Gerais, Tião teve o primeiro contato com o ramo alimentício ainda na infância, com as plantações de milho e feijão de seus pais. Veio daí também seu caráter inquieto e curioso, que culminou até no apelido de Zito, um diminutivo criado para mosquito, já que o jovem não parava quieto um só minuto. A inquietude o levou para o Rio de Janeiro ao lado da esposa para que ambos pudessem tentar a vida no meio artístico. Foi na Atlântida Cinematográfica que Tião conheceu nomes como Grande Otelo, Oscarito e Carlos Manga. E foi em uma dessas gravações que o jovem ator achou melhor deixar de lado o antigo sonho. “A profissão mais difícil do mundo é ser ator, viver o outro, nunca ele”, reflete. Mas, como nada nessa vida é em vão, foi também durante a passagem pelo Rio de Janeiro que Tião deparou-se com um novo

objetivo. Durante uma sessão de cinema, assistiu a uma propaganda de Brasília e decidiu que se mudaria para a terra que viria a ser a nova capital do Brasil.

Tião chegou em solo candango em 1957 para trabalhar no Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI), nas obras das quadras 105 e 305 Sul, onde teve o mestre de obras Leopoldo como maior professor. Foi nessa região também que Tião Padeiro deu início à sua vida comercial em Brasília. “Abri meu primeiro negócio na 105 Sul, debaixo de uma árvore, um barraco de madeira. Vendia de tudo, de cerveja a arroz”, lembra o negociante. Aos 28 anos, então, Tião fez-se empresário, quando notou o universo de possibilidades e oportunidades que aquelas áreas remotas apresentavam para ele. Nos canteiros de obra passou a vender café e pão, o que lhe rendeu um novo apelido: Tião Padeiro, alcunha que o acompanhou no decorrer de toda sua vida. Começou com um armazém, depois passou para a panificação e em seguida criou uma indústria de pão, que cresceu tanto a ponto de chegar a ter 280 funcionários. O cálculo praticamente triplica quando contabilizamos o número total de

funcionários nas mais diversas áreas em que atuou: 630 somando a fazenda, a pastelaria e a indústria de pães.

O pastel é fruto do acaso. Após perder o ônibus que o levaria para sua lua de mel com a esposa Ivanildes, Tião observou um senhor vendendo pastéis em uma cesta, provou e gostou do sabor. Tratou logo de chamar o vendedor e sugeriu a ele que o procurasse para que pudessem enriquecer juntos vendendo pastel. Seis meses depois, Eugênio Apolônio visitou Tião em Sobradinho e, juntos, deram início, em 1960, à Viçosa, pastelaria que carrega o nome da cidade de batismo de Eugênio. O ponto não poderia ser outro: a Rodoviária. Em determinados momentos a fila para o pastel chegava a ser maior do que as dos ônibus, tamanha a procura. Em um dia de muito movimento, como em shows e grandes eventos na Esplanada, a loja chegava a vender 45 mil pastéis.

“Olha, é capaz de não ter ninguém que estudou em Brasília que não comeu pastel na Rodoviária”, comemora Tião ao se lembrar de sua clientela mais fiel. Para dar conta da demanda com qualidade, passou a plantar a própria cana em uma fazenda em Alexânia. Prezar por ter os





melhores insumos nos alimentos que produz sempre foi a maior preocupação do mineiro. “Eu chegava na pastelaria e já olhava para o cesto de lixo. Se tivesse uma ponta de pastel no lixo eu sabia que tinha dado algum problema na fábrica. Ninguém joga fora o que comprou com fome”, alerta, ao defender que a qualidade deve ser prioridade em qualquer estabelecimento que se preze. “Quantas lojas bonitas abrem e fecham? Padarias lindas, mas que não têm qualidade. Ninguém come prateleira, vitrine, ele come é o produto. Quando você não tem referência de um lugar você não vai”, alerta Tião.

Criador também da Casa do Pão, que desde 24 de maio de 1968 ocupa a 506 Sul, Tião fez do endereço uma das mais tradicionais panificadoras do DF. Na indústria que ergueu, fornece pães congelados para diversos supermercados da cidade. Como energia é o que não falta ao empresário, atualmente dedica-se à uma fábrica de adubos em Formosa. Todos os dias dirige-se até o local, onde cuida da parte administrativa, rodando cerca de oito mil quilômetros por mês. “Não me sinto cansado, na verdade me sinto triste quando tenho que ficar em casa. Eu tenho certeza absoluta de que se eu não tiver trabalho vou morrer porque eu não sei ficar à toa”, diverte-se.

Não ficar à toa, como diz Tião, fez com que ele se aproximasse dos demais pioneiros que dividiram com ele a epopeia chamada Brasília. **“Não tinha nada. Era comer, dormir e trabalhar. Tinha a alegria de fazer Brasília. Essa alegria era tão importante que dava motivo para que a gente fosse feliz”**, lembra, animado. Sua trajetória como empresário o levou à fundação da Associação Comercial, da Federação da Indústria e da Federação do Comércio. “Fiz tanta coisa, vivi todos os momentos de Brasília, qualquer um que você perguntar eu vi. Eu não perdi tempo brincando não porque eu não sei brincar, só sei trabalhar”, afirma Tião que se sente orgulhoso e cheio de vaidade por ter ajudado a fazer a capital. “Brasília para mim é o sonho de fazer um país, porque fazer Brasília foi o mesmo que fazer um país. Ela renasceu o sonho de Dom Bosco e renasceu o sonho de uma nação. Brasília tem uma força que pouca gente conhece, de expansão da memória do país. Ela congregou o país inteiro”, celebra o mineiro, que sabe bem que a consolidação de uma cidade é feita por homens e não por montes de pedras e de prédios.

Líder comunitário, tinha uma aproximação especial com a política que o levou a se aproximar de Juscelino

Kubitschek. “Juscelino sabia aproveitar as ideias de todo mundo, ele nunca esquivou-se de ouvir. Juscelino era muito sábio, ele ouvia tudo, ouvia o pobre, ouvia o rico, ouvia todo mundo. E tinha uma facilidade muito grande de criatividade também”, elogia. Como presidente da Associação da Vila Amaury, foi responsável por transferir os moradores de lá para Sobradinho e Taguatinga e distribuiu inúmeros lotes nessas regiões. “Tivemos a oportunidade de conhecer a cidade do mínimo ao máximo. A importância da minha vida está em ter conhecido do menor candango ao presidente”, vibra.

Apaixonado pela vida, Tião Padeiro tem ainda um novo sonho para realizar. Seu desejo mais íntimo é criar uma escola agrícola de práticas rurais. “É meu próximo passo se Deus me der a força que estou pedindo”, torce, lembrando que, nessas preces, pede para que viva até os 150 anos. “O mundo está tão bom que ir embora agora eu acho que é uma sacanagem”, brinca o empresário, que tem no bom humor e na positividade algumas de suas qualidades mais fiéis. ➤





Lançamento do Projeto BSB60

Este livro é parte de um amplo projeto, o BSB60, que conta com diversos vídeos - incluindo um longa metragem -, feitos em homenagem às seis décadas de vida da cidade.

No dia 31 de outubro de 2019, esse grandioso projeto foi lançado em uma cerimônia no Memorial JK, com a presença dos pioneiros, seus familiares e convidados.



*Sebastião Gomes
da Silva e Amauri
Pessoa Vêras*



*Pioneiros
homenageados*

*Phelipe Matias,
Marimir e Pedro
Fernandes*

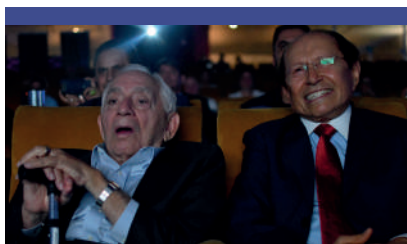




*Phelipe Matias e a
inspiração de JK*



*Pioneiros assistem às
primeiras cenas do
documentário BSB60*



*Geraldo Vasconcelos e
Antônio Matias de Sousa*

César Barney





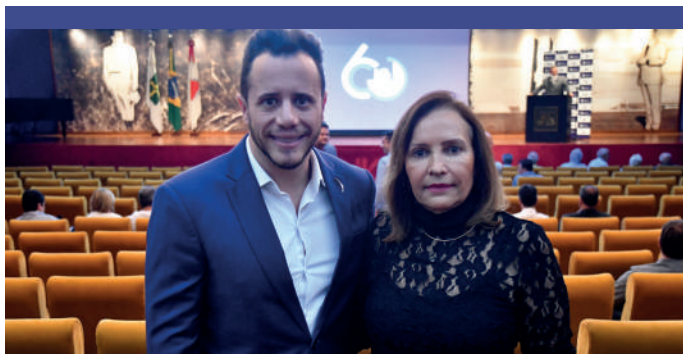
*Salviano Borges, Osório
Adriano, Roosevelt
Beltrão e César Barney*

*Marimir e Pedro
Fernandes*



*Severino Cajazeiras,
Antônio Matias e
Elson Cascão*

*Eustáquio Rezende,
Salviano Borges, Osório
Adriano e César Barney*





*Pioneiros
homenageados*

*Elson Cascão,
Sebastião Gomes e
Eustáquio Rezende*



*Salviano Borges, Osório
Adriano, César Barney e
Paulo Octávio (ao fundo)*



Salviano Borges, Osório Adriano, César Barney, Elson Cascão e Roosevelt Beltrão



Elson Cascão e Roosevelt Beltrão



Geraldo Vasconcelos, Sebastião Gomes e Antônio Matias



Severino Cajazeiras



Paulo Octávio discursa para os pioneiros

Osório Adriano



Phelipe Matias





*Geraldo Vasconcelos, Elson Cascão
e Roosevelt Beltrão*

*Osório Adriano, César Barney, Elson Cascão,
Roosevelt Beltrão e Severino Cajazeiras*



Geraldo Vasconcelos





Paulo Octávio

Antônio Matias



André Costa, Rafael e Carol Matias, Dona Iza, Antônio Matias, Yara e Phelipe Matias



Eustáquio Rezende

Elson Cascão (à direita)



Salviano Borges





Eliana Brant de Faria e Sebastião Gomes da Silva



Osório Adriano



Amauri Pessoas Vêras

